

PROJETO DE VIDA: Uma porta de entrada para o Novo Ensino Médio



Ficha Técnica

Idealização e Coordenação:

Fundação Telefônica Vivo

Diretor-Presidente: Americo Teixeira Mattar

Gerente de Comunicação e Voluntariado: Luanda de Lima Sabença

Gerente de Projetos Sociais: Milada Tonarelli Gonçalves (Mila)

Coordenadora de Projetos Sociais: Luciana Scuarcialupi Cascardo

Analista de Comunicação: Alexandra Palhares Alves

Analista de Projetos Sociais: Tiago Torres Gomes

Parceiro Estratégico:

Secretaria da Educação do Estado da Bahia

Secretário de Educação: Jerônimo Rodrigues

Superintendente de Políticas para Educação Básica: Manuelita Falcão Brito

Execução

Afeto - Educação, Comunicação e Juventudes

Coordenadoras: Carla Aragão, Daniela Silva e Rebeca Ribas

CIPÓ - Comunicação Interativa

Coordenador: Nilton Lopes

Comunicador: Bruno Machado

Educadoras: Ana Fernanda Souza, Denise Borges, Lúcia Valois Leite, Tatiane Souza (In Memoriam)

Textos: Equipe Afeto/CIPÓ, Patrícia Honório de Freitas

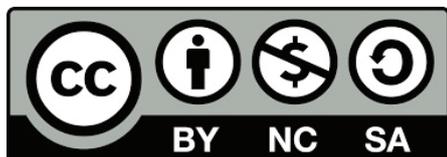
Cordel: Gilbene Esquivel

Edição: Carla Aragão, Patrícia Honório de Freitas, Rebeca Ribas

Revisão: Carla Aragão, Cristiane de Almeida, Daniela Silva, Elielson Teixeira, Gilbene Esquivel, Luciana Nobre, Maria Cristina Barbosa Lima

Revisão final: Regina de Sá

Projeto gráfico/Diagramação/Ilustração: NUME - Estúdio Criativo, Fabio Farani, Bruno Aziz



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons - Atribuição Não-Comercial.
Sem derivações 4.0 Internacional

Agradecimentos

Este percurso formativo foi realizado colaborativamente, graças ao empenho de tantas pessoas, entre parceiros, profissionais envolvidos e cursistas, que, aqui, não seria possível nomeá-las.

Portanto, dedicamos esta sistematização às professoras e aos professores que compartilharam conosco suas experiências, questionamentos e reflexões sobre projetos de vida, ao longo de 2020, um ano que marcou as nossas vidas e, por isso mesmo, nunca foi tão importante refletirmos sobre o que dá sentido a elas.

Agradecimentos especiais

À Cristina Santana e Anny Carneiro Santos,
em nome de toda a equipe de formadores da SEC.

À Renata Souza e Jurema Oliveira Brito,
em nome da coordenação de Ensino Médio da SEC.

Às equipes do Instituto Singularidades, CIEDS e Hardfun Studios
por todo suporte na plataforma Escolas Conectadas.

Ao e a jovem
Jadison Palma, Lara Santos.

Aos(às) especialistas e pesquisadores convidados:
Anna Penido, Bruna Hercog, Feizi Milani, Francila Novaes, Hanna Danza ,
Ivan Faria, Luciana Medeiros, Marco Antonio Morgado, Mônica Santana,
Paulo Roberto Andrade, Regina Novaes, Samuel Andrade.

Aos(às) professores(as):
Andréa Rosa Oliveira Souza, Emerson Costa Farias, Cíntia Cordeiro,
Yone Santiago, Saionara Almeida, Rosana Marcolino.

Olha que e-book bom!

**Olha que e-book bom!
Vixe! Tu ainda não leu?
Verdade! só abertura,
cordelista se perdeu!
Qual nada: é pra te dizer
que ao ler, você vai ver
o quanto isso valeu.**

**Essa leitura é pra ontem,
tamanha a sua urgência.
Pensar Novo Ensino Médio
a partir desta vivência
que estive em toda Bahia.
Em tempos de pandemia,
quase uma sentença.**

**Mas a sentença é porreta,
assim como o povo baiano,
que enfrenta desafio
em qualquer tempo do ano.
Vem ver Projeto de Vida!
Esse e-book é acolhida
pra quem luta por seus planos.**

Sumário

6

Apresentação

10

Capítulo 1

**Novo Ensino Médio para
e com os(as) estudantes**

18

Capítulo 2

Para ensinar Projeto de Vida

53

Capítulo 3

Histórias de valor

66

Capítulo 4

Diálogo para a continuidade

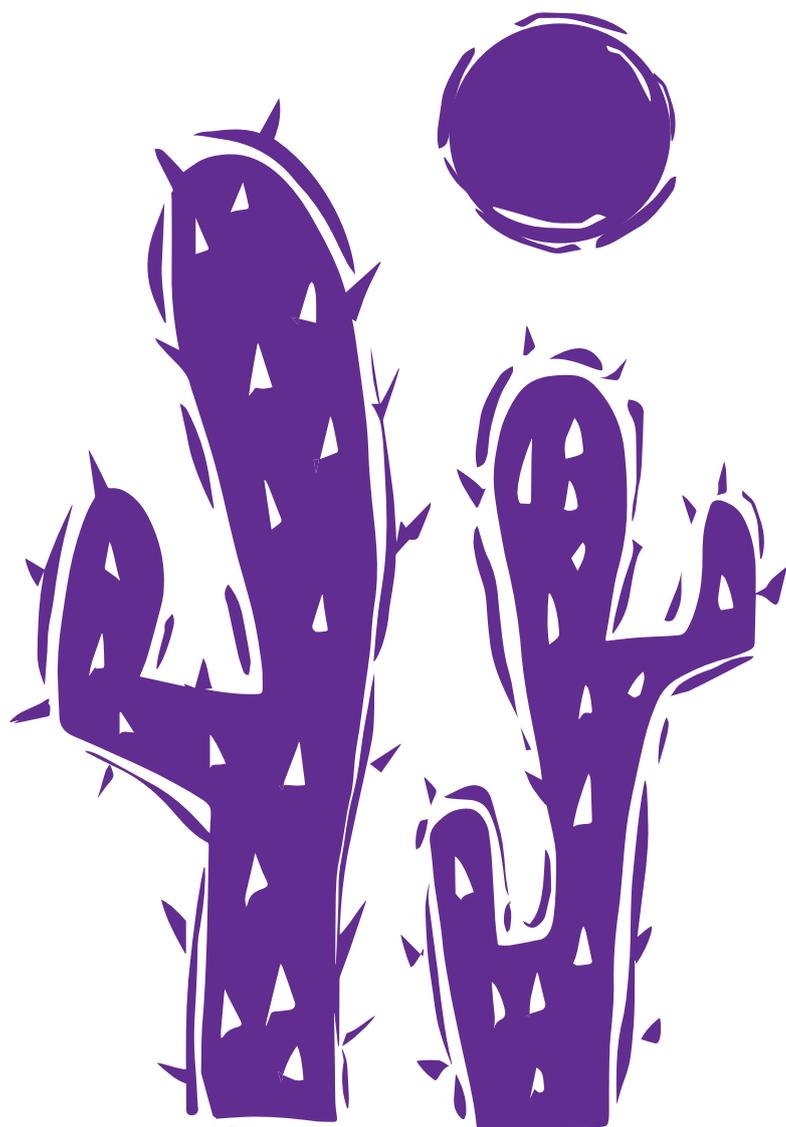
74

Referências

Apresentação: o cordel

Nesta publicação, o **cordel**¹ da professora Gilbene Esquivel vai nos ajudar a contar, com poesia e a partir de muitos relatos, a história de um processo formativo em Projeto de Vida emblemático, na opinião das suas e dos seus participantes, que foi realizado em 2020, via redes telemáticas, conectando gentes de toda Bahia. Pessoas que estavam afastadas devido pandemia causada pela Covid-19, mas unidas pelo sentido de urgência no enfrentamento aos desafios educacionais. Afinal, no Brasil, no quesito educação é “tudo para ontem”. Você está convidado(a) a conhecer esta história do início. Se aproxime.

1. A literatura de cordel, considerada patrimônio cultural imaterial no Brasil, tem sua origem em Portugal com os trovadores medievais, nos idos dos séculos XII e XIII. Poemas perpetuavam a história oral para a população, naquela época majoritariamente analfabeta. Produzidos por cordelistas e divulgados em folhetos, esses relatos costumam narrar uma saga, um romance, a vida de uma personalidade.



Planos para uma mudança
foi mesmo o que reuniu
A SEC e a FTV
em parceria de brio.
Chamaram Afeto e CIPÓ,
cheias de borogodó,
aceitaram o desafio.

Pense Grande foi o nome
dado ao sonho, ao projeto,
pra que o Novo Ensino Médio
fosse nosso dialeto.
Formação de professores
como alicerce, senhores!
Tem como isso não dar certo?

Deu mesmo! Você vai ver!
Leia sem pestanejar.
Sinta o contexto, o percurso,
resultados a trilhar.
Uma memória coletiva,
escuta como medida,
tem como não encantar?

Prezadas mestras e prezados mestres,

Convidamos vocês, que vivem para a educação, seja nas salas de aula ou em ambientes de coordenação e gestão, nas universidades ou nos gabinetes, para conhecerem nossa experiência com a formação de mais de 800 docentes da rede pública da Bahia em um tema novo, que chegou com a reforma do Ensino Médio: o componente Projeto de Vida.

Quando a Secretaria da Educação do Estado da Bahia (SEC) iniciou, em 2019, a organização da implementação do Novo Ensino Médio (NEM), com previsão de concluir a transição curricular até 2023, enxergou na Fundação Telefônica Vivo, com a qual já tinha relações de parceria, uma possibilidade de articulação para ações formativas que fortalecessem profissionais da rede envolvidos/as diretamente no desafio do NEM.

O desenho inicial do projeto, batizado de Pense Grande e o Novo Ensino Médio na Bahia, nasceu durante uma reunião presencial entre o diretor-presidente da Fundação, Americo Mattar, e o Secretário de Educação da Bahia, Jerônimo Rodrigues, em dezembro de 2019, quando foi repactuada a parceria iniciada em 2017.

A formação de professores/as foi apontada como um dos alicerces para que a implementação do NEM fosse bem-sucedida, junto a construção do referencial curricular.

O desafio era (e ainda é!) grande, mas a Fundação Telefônica Vivo (FTV) aceitou o convite da SEC e se uniu aos esforços para oferecer uma primeira formação à rede estadual de ensino, o Módulo de Atualização Projeto de Vida, componente obrigatório da nova matriz curricular. Em 14 de janeiro de 2020, a parceria institucional ganhou corpo. Para estruturar o projeto e executar a formação, lá estavam a Afeto - Educação, Comunicação e Juventudes, com a qual a SEC e a Fundação desenvolviam um trabalho desde 2017, com a “escola-laboratório” Cenor - Colégio Estadual Norma Ribeiro, e a CIPÓ - Comunicação Interativa, organização com duas décadas de trabalho na pauta educacional, também parceira antiga dessas instituições.

Apresentação: quem somos

Iniciativa:



A **Fundação Telefônica Vivo** é o braço social da Vivo, atuamos na área da educação, criando oportunidades para o desenvolvimento de educadores e estudantes de todo o Brasil. Guiada pela inovação e a disposição em contribuir para a construção de um futuro com mais oportunidades para todos, a Fundação tem o compromisso de fazer da educação uma pauta prioritária para o país, desenvolvendo projetos que têm como base o potencial humano e que utilizam a tecnologia como instrumento a favor da inclusão e da cultura digital.



O **Pense Grande** é um programa da Fundação Telefônica Vivo que convida jovens de todo o Brasil a pensarem no seu projeto de vida e na sua comunidade, compreendendo o empreendedorismo social e as tecnologias digitais como aliados nas respostas aos desafios do nosso mundo atual.

Parceiro Estratégico:

SECRETARIA
DA EDUCAÇÃO



A **SEC** é uma das 23 secretarias subordinadas ao Governo do Estado da Bahia, órgão responsável por organizar, fiscalizar e criar as diretrizes necessárias para a educação básica no estado. Entre suas atribuições, destaque para as gestões de alimentação, transporte e calendário escolar, promoção de políticas públicas diversas – como os planos estaduais de educação.

Parceiros Executores:



A **Afeto - Educação, Comunicação e Juventudes** é uma empresa de consultoria, com atuação em diversos estados do Brasil e larga expertise na coordenação de projetos. A organização promove educação dialógica e comunicação educativa e propositiva, facilitando processos de cocriação em planejamento, formação e desenvolvimento de materiais educativos, comunicacionais e de mobilização social.



A **CIPÓ – Comunicação Interativa**, é uma organização não governamental constituída em 1999, em Salvador (BA), com a missão de criar oportunidades para o pleno desenvolvimento e a participação social e política de crianças, adolescentes e jovens por meio da comunicação, cultura e educação. A instituição já realizou inúmeros projetos, elaborando metodologias e práticas criativas e mobilizadoras.

Apresentação

Foi a partir desse encontro que começou a história que vamos narrar a seguir, integrando todas as visões possíveis – de parceiros(as) executores(as), equipe técnica, formadores(as), especialistas e daquelas e daqueles que são as(os) verdadeiras(os) protagonistas: professoras e professores que participaram ativamente desse processo formativo. Embora a equipe de sistematização tenha sido formada por educadoras, gestoras/es e comunicadoras/es da Afeto e da CIPÓ, as duas organizações que executaram a formação, contamos com a participação da Fundação, da SEC, dos(as) especialistas e de professores(as) para reconstruir essa história, porque foi assim que ela foi construída, a muitas mãos, a partir do encontro de trajetórias e experiências individuais e coletivas, do diálogo e da escuta atenta e, especialmente, permeada pelos afetos.

No primeiro capítulo, apresentaremos brevemente o contexto do Novo Ensino Médio e sua construção na Bahia.

Em seguida, no capítulo 2, vamos contar como foi o percurso que trilhamos para realizar a formação em Projeto de Vida, desde o planejamento até a execução. Aqui explicamos as singularidades dessa metodologia e a importância dela para alcançarmos os resultados que atingimos.

No terceiro capítulo, mostraremos os resultados alcançados, pelo menos aqueles que já conseguimos elencar, pois, se há uma coisa que nós, educadoras e educadores, já sabemos é que, no campo da educação, às vezes a colheita acontece muito tempo depois da sementeira, concordam?

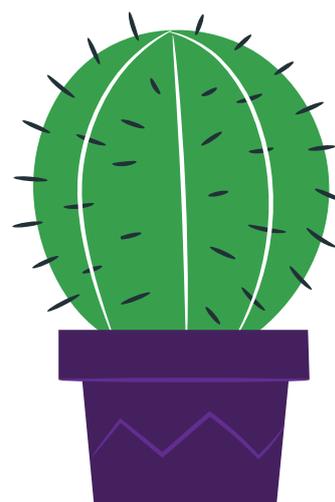
Finalmente, concluímos nossa narrativa com um capítulo de recomendações para futuras formações. A partir das lições que aprendemos,

dos nossos erros e acertos, ousamos indicar caminhos possíveis. Claro, cada história é única. Entendemos, porém, que as narrativas de experiências vividas no campo da educação podem contribuir para alterar formas de pensar e de agir que não se adequam mais ou que necessitam ser desenvolvidas, a fim de inspirar novas práticas pedagógicas. É por isso que sistematizamos, e nos debruçamos com tanta concentração, durante um par de meses, processo de reconstrução crítica dessa formação em Projeto de Vida.

Esperamos que os resultados bastante positivos que compartilhamos aqui contribuam com outras organizações que tenham o mesmo propósito formativo. Almejamos também que vocês, mestras e mestres, em diferentes cenários de atuação, desfrutem da leitura, se inspirem nos relatos e fortaleçam essa frente de ação para contribuir com a superação dos desafios da educação, melhorando a vida de milhares de jovens estudantes brasileiros(as).

É o que esperamos.

Boa leitura!

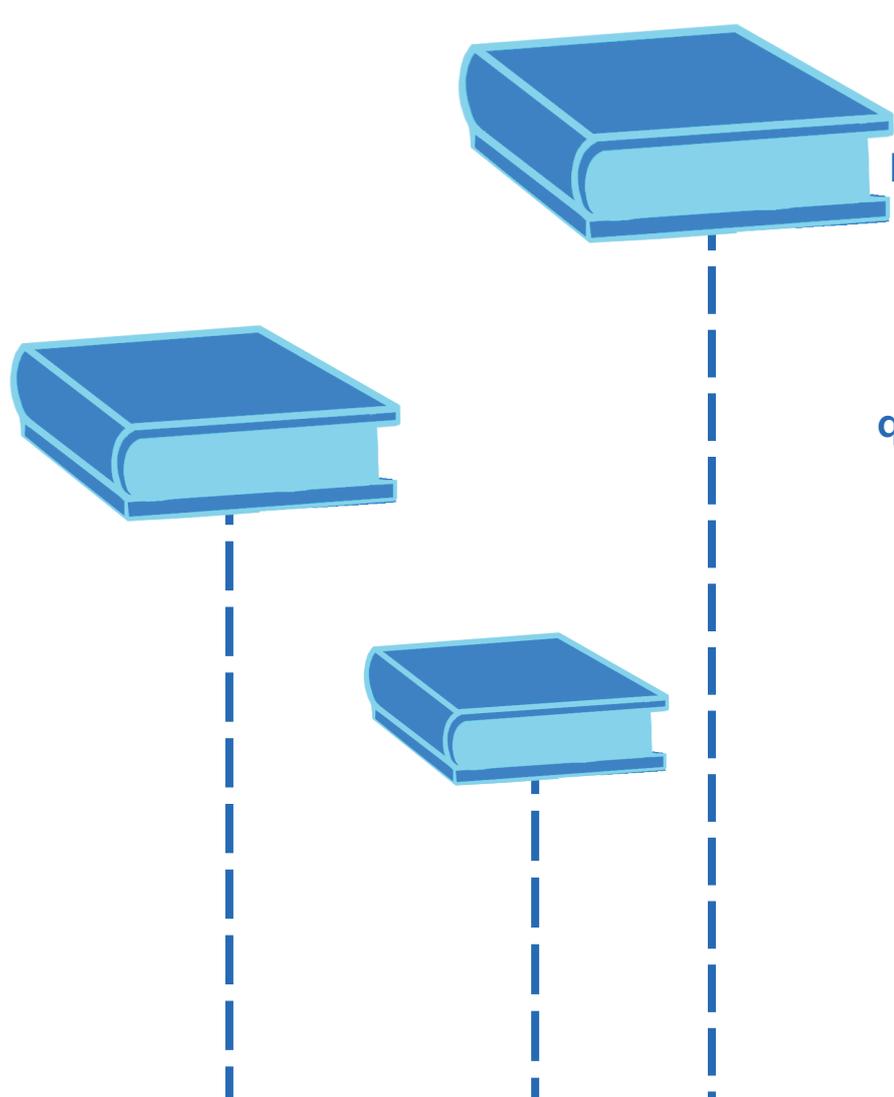
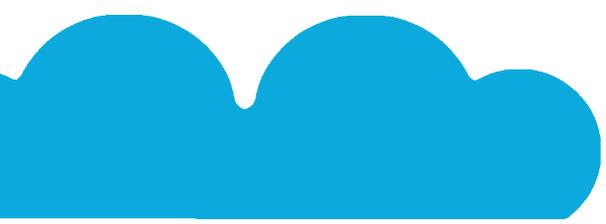


**NOVO
ENSINO
MÉDIO**

BNCC

**PROJETO
DE VIDA**





Vamos ver é encantamento.
Podia ser diferente?
Se a demanda existia
na fala de nossa gente?
Era a grande pedida
a formar forte corrente.

A corrente necessária
pra um Novo Ensino Médio
se torna realidade
Em cada polo ou colégio.
Pensar o jovem, sua essência,
protagonismo e potência,
agora *num* é privilégio.

É lei, é fato, é direito
que a escola tem que cumprir,
escolher itinerários,
ser razão, corpo e sentir.
Educação integral,
juventudes, no plural,
é o que veremos aqui.

Um começo, nós sabemos,
mas que abre a discussão,
pra que a BNCC
não seja apenas refrão.
Seja um canto na Bahia
e tenha a companhia
das juventudes, sua ação.

“É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática”.

Inspirados por essa reflexão de Paulo Freire (2003, p. 61), introduzimos nossa jornada (re)afirmando a escola como espaço potente de construção de saberes, do exercício da sociabilidade, da reflexão, da resolução de conflitos, da cidadania, da participação e de sentido de vida.

Entendemos a escola como um ambiente em permanente mudança, que atua na formação de sujeitos capazes de mudar as condições que os marginalizam, hierarquizam e assujeitam. Um local também de disputas, contradições, tensionamentos, e

por isso, vivo, mas igualmente um lócus onde profissionais da educação diuturnamente buscam, tal qual preconiza Freire, diminuir a distância entre a fala e a prática. Esta, entretanto, não é uma tarefa das mais simples quando estamos no chão da escola. E se tornou ainda mais complexa desde a aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a proposta do Novo Ensino Médio. Você está de acordo? É sobre este ponto que conversaremos neste capítulo.

As professoras e os professores lembram bem daquele ano de 2017. Um ano depois das ocupações das escolas e manifestações estudantis por todo o Brasil, a reforma do Ensino Médio continuou gerando debates acalorados, polêmicas nas redes sociais, posicionamentos políticos permeando as discussões, algumas colegas indignadas, outras esperançosas.

Afinal, aconteceu. Ao aprovar a Lei nº 13.415/2017, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), o Congresso Nacional mudou a estrutura do Ensino Médio no país. Em 2018, por meio de duas resoluções, o Conselho Nacional de Educação atualizou as diretrizes curriculares e aprovou a [Base Nacional Comum Curricular²](#) (BNCC) e, no finalzinho do ano, a Portaria 1.432, de 28/12/2018, detalhou os referenciais para cinco [itinerários formativos³](#) propostos no âmbito da reforma.

Além disso, a reforma fomentou a educação integral ao alterar a carga horária dos três anos do Ensino Médio de 2.400 para 3.000 horas em 2022, com a perspectiva de ampliação progressiva, até atingir 4.200 horas. E a Resolução nº 4/2018 estabeleceu prazos para a adequação dos currículos à BNCC até o início do ano letivo de 2020, e para a completa implementação no ano de 2022.

Como responsáveis pelo Ensino Médio, coube aos estados a tarefa de implementar o NEM e o Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed) criou a Frente Currículo e Novo Ensino Médio com o objetivo de apoiar as secretarias estaduais neste desafio. Afinal, são elas que precisam dar conta de questões complexas, como, por exemplo:

 traduzir para a prática o aumento da carga horária para 3 mil horas;

 implementar o currículo que é composto pela formação geral básica (constituída pelas competências e habilidades da BNCC) e por itinerários formativos, os quais, segundo o art. 36 da LDB, “deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino” e, segundo a BNCC, devem ser organizados em torno dos quatro eixos estruturantes (investigação científica, processos criativos, mediação e intervenção sociocultural, e empreendedorismo);

 oferecer suporte para a construção e viabilização do projeto de vida dos estudantes;

 adotar metodologias ativas de aprendizagem em articulação com as realidades locais;

 formar continuamente, professores e professoras, para que eles sejam os protagonistas desse processo.

2. A Base Nacional Comum Curricular é um documento normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Seu principal objetivo é ser a balizadora da qualidade da educação no país por meio do estabelecimento de um patamar de aprendizagem e desenvolvimento a que todos os alunos têm direito.

Fonte: MEC-Brasil <http://basenacional.comum.mec.gov.br/a-base>

3. Na Lei nº 13.415/17, a expressão foi utilizada em referência a itinerários formativos acadêmicos, o que supõe o aprofundamento em uma ou mais áreas curriculares, bem como a a itinerários da formação técnica profissional.

Fonte: Documento da BNCC.

Novo Ensino Médio para e com os(as) estudantes

É sempre bom lembrar que as resoluções e portarias citadas não representam apenas um conjunto de regras a serem cumpridas pelas escolas. O NEM traz um conjunto de princípios orientadores, discutidos ao longo de muitos anos pela sociedade civil e poder público, com o objetivo de recriar a escola, para que ela atenda às necessidades dos/as jovens brasileiros(as) frente a um mundo em transformação. A leitura do documento da BNCC, em seu capítulo 5, “A etapa do Ensino Médio”, permite depreender alguns desses princípios:

JUVENTUDES	É preciso considerar que há muitas juventudes e isso implica organizar uma escola que acolha as diversidades e promova o respeito aos direitos humanos, além de garantir aos estudantes que sejam protagonistas de seu próprio processo de escolarização, reconhecendo-os como interlocutores legítimos a respeito de questões como currículo, ensino e aprendizagem.
CIDADANIA	Os(as) estudantes deverão ser formados(as) não para decorar conteúdos, mas para resolverem demandas complexas de um cotidiano cada vez mais desafiador e a fim de exercerem sua cidadania e assegurarem os direitos sociais conquistados com muita luta.
TRABALHO	É preciso desenvolver competências e aspirações para que os(as) jovens encontrem espaços no mundo do trabalho que lhes permitam se realizar como seres humanos e que possam também contribuir com o desenvolvimento de suas comunidades.
DESENVOLVIMENTO INTEGRAL	O foco do NEM não está somente no desenvolvimento intelectual, mas também no físico, na dimensão cultural, e nas questões socioemocionais, que vão permitir que os(as) jovens se conheçam, se relacionem de maneira saudável com os outros seres humanos e o ambiente.
PROJETO DE VIDA	Este novo componente permite ao(à) estudante identificar seu sonho, atribuir intenção e sentido a ele(a), criar um plano para alcançá-lo, e se manter motivado(a) e engajado(a) para conquistá-lo; é um processo que envolve autoconhecimento e contribui para elevar a autoestima e desenvolver relacionamentos saudáveis.

No que se refere aos componentes dos itinerários formativos, as redes e escolas poderão flexibilizar os currículos para que os(as) estudantes os escolham conforme seus interesses, aptidões e objetivos. Entretanto, para fazer escolhas que façam sentido para a própria vida, é necessário, antes de tudo, que o sujeito conheça a si mesmo, identifique as próprias habilidades, reflita sobre os caminhos que deseja percorrer, trace metas e desenvolva a capacidade de tomar decisões para alcançá-las. É um processo para a vida toda, que pode e deve começar bem cedo, com um projeto de vida.

O Projeto de Vida se configura, com os(as) estudantes, um espaço de construção dos seus planos nos âmbitos pessoal, econômico, acadêmico, social etc. Uma oportunidade para se (re)posicionarem como cidadãos partícipes em suas escolas, comunidades e grupos sociais. Nesse sentido, a escola pode e “deve exercitar processos de emancipação individual e coletiva, estimulando e possibilitando a intervenção no mundo a partir de um sonho ético-político da superação da realidade injusta” (MOREIRA, 2010, p. 257).

O projeto individual ganha mais potência e sentido quando dialoga com os processos de empoderamento coletivos. Entendemos que o componente PV pode apoiar a construção de vínculos, pautados na corresponsabilização, entre os(as) estudantes e toda comunidade escolar. Dessa forma, teremos a chance de garantir que a ocupação da escola pela juventude seja feita diariamente, pela porta da frente, em parceria com todos os outros atores da comunidade escolar.

Por entender a importância do projeto de vida para os(as) jovens, a Secretaria Educação da Bahia o reconheceu como um dos componentes obrigatórios da nova matriz curricular no [documento orientador para o Novo Ensino Médio na Bahia](#). Ele destaca a importância do componente PV em relação aos itinerários formativos: “a flexibilização curricular deve considerar o Projeto de Vida dos estudantes, os aspectos territoriais e oportunizar ao estudante diferentes vivências”. Quer saber mais sobre este percurso na Bahia? Nós vamos contar...

A Bahia tem régua e compasso

Em 2018, quando a reforma era fato consumado, o secretário de Educação da Bahia, Jerônimo Rodrigues, assinou termo de compromisso junto ao Ministério da Educação (MEC), aderindo ao Programa de Apoio ao Novo Ensino Médio. Em seguida, a SEC decidiu realizar um projeto piloto da matriz curricular desse novo desenho. Mais de 500 unidades escolares da 1ª série do Ensino Médio foram selecionadas para iniciar, em 2020, a implementação do processo de flexibilização curricular.

Organizou-se um escalonamento ano a ano, que previa para 2021 a continuidade da implementação nas escolas-piloto (1ª e 2ª séries) e o início do processo nas demais escolas, na 1ª série. Para as escolas não-piloto, a orientação foi para que se preparassem e se formassem para a nova arquitetura escolar. Em 2022, as escolas-piloto implementariam o NEM nas três séries, enquanto as demais o fariam na 1ª e na 2ª séries. No ano seguinte, 2023, as escolas-piloto concluiriam o processo de implantação e as outras seguiriam com a execução nas três séries.

Enquanto se organizava o escalonamento, elaborava-se um plano de formação de docentes contemplando as diretrizes previstas no plano da [Base Nacional Comum para a Formação Inicial e Continuada de Professores da Educação Básica](#)⁴. Um levantamento realizado no início de 2020 junto a docentes da rede estadual da Bahia elencou os cursos mais solicitados.

4. O documento estabeleceu competências gerais docentes e também competências específicas ligadas aos campos do conhecimento, prática e engajamento profissional.

A maior demanda formativa foi por Projeto de Vida, o que é natural, visto que se trata de um novo componente para o qual havia poucos materiais de referência e oportunidades de formação específica. Pelo menos um(a) professor(a) de cada uma dessas escolas-piloto já havia sido designado(a) para dar aulas de Projeto de Vida.

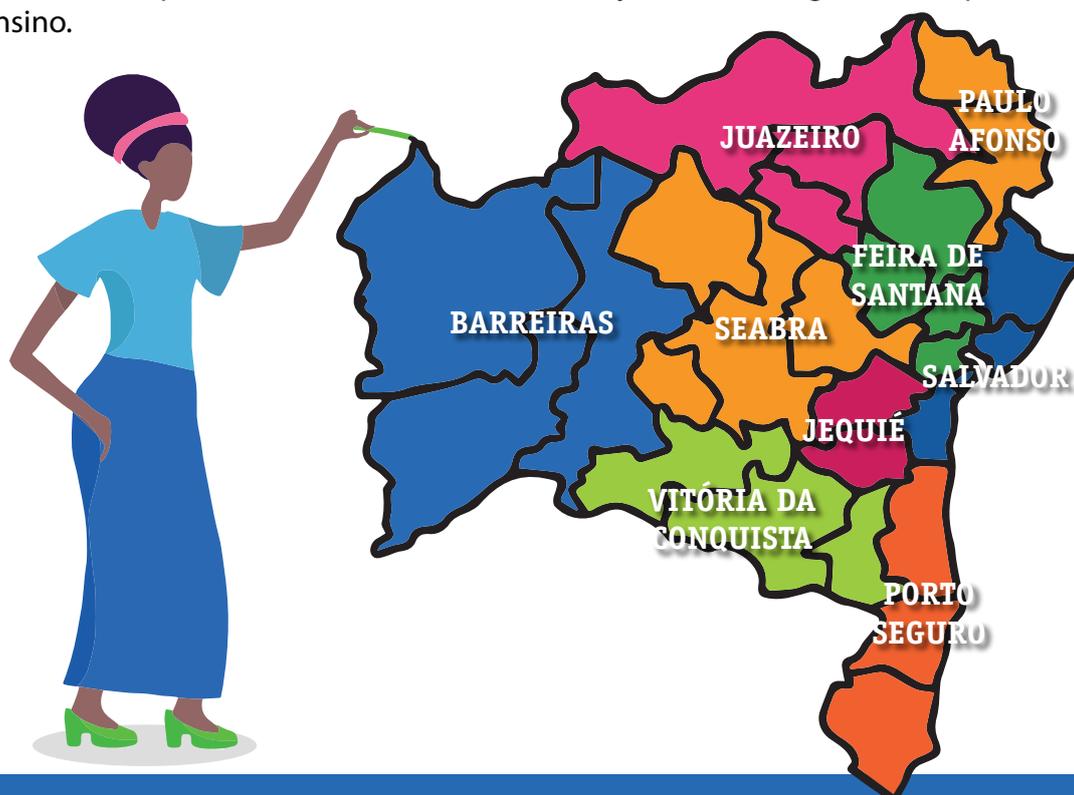
"O projeto-piloto era imenso, 564 escolas rodando com a matriz curricular do Novo Ensino Médio na Bahia e os professores não tinham nenhuma formação sobre o que fazer em Projeto de Vida."

Anny Carneiro Santos, coordenadora de Formação da SEC

Uma estratégia para criar condições favoráveis para a formação e o acompanhamento dos mais de 500 cursistas previstos foi distribuí-los em nove polos regionalizados: Salvador, Feira de Santana, Jequié, Paulo Afonso, Juazeiro, Seabra, Barreiras, Vitória da Conquista e Porto Seguro, agrupados a partir dos [Núcleos Territoriais de Educação](#)⁵ (NTEs).

5. Os NTEs representam a SEC na administração regional e recebem apoio da sede, bem como desenvolvem programas que fortalecem a ação da secretaria junto aos municípios do estado. Os NTEs acompanham os Territórios de Identidade da Bahia.

O grande desafio foi planejar, organizar e realizar a formação em PV, enquanto o piloto do Novo Ensino Médio já estava em execução. Para isso, o alinhamento contínuo de todos os parceiros foi fundamental. Muita escuta, colaboração, trabalho compartilhado e, principalmente, respeito ao que o público participante oferecia como *feedback* costuraram a relação entre essas quatro instituições. Foram dezenas de reuniões, articulações por meio de redes sociais, socialização de planejamento, escrita coletiva para fortalecer a coerência das ações e o diálogo com as prioridades da rede baiana de ensino.



Saiba mais

Sobre o Novo Ensino Médio e a BNCC:

🔗 Documento completo da BNCC:
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

🔗 Materiais de apoio para conhecer a BNCC:
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/pro-bncc/material-de-apoio/>

▶ Curso do portal Nova Escola: Ensino Médio na BNCC:
<https://youtu.be/kMqBSxXaEU4>

Sobre Projeto de Vida:

▶ Curso sobre Projeto de Vida – Frente Currículo e Novo Ensino Médio do Consed:
<https://youtu.be/NYFFc4HcPBM>

🔗 Projetos de Vida no Ensino Médio: caminhos para a efetivação da BNCC:
<https://bit.ly/webprojotodevida>

▶ BNCC Comentada: Projeto de Vida:
https://youtu.be/wU_OtSAhbYE

🔗 Portal Instituto iungo: textos, videoaulas, dicas metodológicas, relatos de experiências sobre projetos de vida:
<https://iungo.org.br/series-tematicas/projetos-de-vida/>



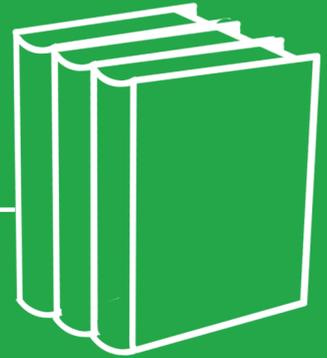
CONSELHO
TUTELAR



ESCOLA



CENTRO
DE SAÚDE



Juventude faz a escola
em qualquer lugar que esteja.
Juventude tem sua alma,
sonhos, metas, incertezas.
Chega da nossa descrença
Juventude é presença:
falta-lhe essa certeza?

Se falta, chegue mais perto
pra sentir nosso percurso.
Vamos pensar juventudes,
suas trajetórias, seus cursos.
E que o gesto e a fala
do jovem em sala de aula
não fiquem só no discurso.

Não é fácil a mudança,
causa até tremelique,
mas ela é necessária,
Não é besteira ou tolice.
Juventude faz um povo,
por isso abrir-se ao novo
não é apenas palpite.

É preciso um esforço
de grande reflexão:
pra que o conhecimento?
Ele é apenas razão?
Onde ficam os valores?
Atitudes e sabores?
Tem sentido educação?



Para ensinar Projeto de Vida

Sim, tem sentido a educação - dizemos, em resposta ao Cordel. E é por isso que estamos aqui.

Desde que a SEC-Bahia iniciou o processo de implementação do Novo Ensino Médio, o Brasil passou por uma mudança de governo no nível federal e enfrentou instabilidades no Ministério da Educação.

Em 2020 deu-se início a pandemia de Covid-19, que obrigou a suspensão das aulas e deixou estudantes e professores(as) isolados(as).

Estávamos envolvidos(as) com a estruturação da primeira etapa formativa, que seria presencial, quando fomos surpreendidos(as) com a pandemia. Foi necessário readequar o trabalho, considerando as orientações adotadas pelo governo do Estado para o período da quarentena.

Naquele momento, muitas dúvidas pairavam sobre os rumos da educação. Ninguém tinha noção do tempo que as escolas ficariam fechadas. Então, propusemos inverter nosso planejamento inicial, antecipando as horas de formação on-line e transferindo para o segundo semestre a etapa presencial – que acabou acontecendo também virtualmente, tendo em vista a permanência do contexto pandêmico.

Mesmo neste cenário, cheio de tremeliques e incertezas, a rede seguiu com a formação em Projeto de Vida para que professores(as) estivessem melhor preparados(as) para trabalhar com esse novo componente.

Formadores(as) da coordenação de Formação da SEC participaram de maneira propositiva deste processo e contribuíram com sugestões, opiniões que foram fundamentais para a adaptação do desenho, que contaremos para vocês agora.

1. Linha do tempo Quando fizemos	2. Professores? Presentes! Com quem fizemos	3. Nosso percurso O que fizemos
4. A metodologia – uma construção Como fizemos	5. Por meio de uma tela, com afeto A abordagem do afeto na construção da formação	6. Quem não se comunica se trumbica Como nos comunicamos



Sentido nós confirmamos na formação, isso é certo: duas etapas distintas, uma on-line, outra mais perto. WhatsApp, e-mails, lives e muitos anseios pra manter caminho aberto.

Cada tema debatido, trabalho, cidadania formação, identidade “resposta” no dia a dia, teve um alvo: a juventude, toda sua incompletude, toda sua cantoria.

Mas não se perdeu de vista o professor que ensina. Saber de suas vivências foi quase como uma mina. Diagnóstico potente foi uma doce semente pra traçar várias rotinas.

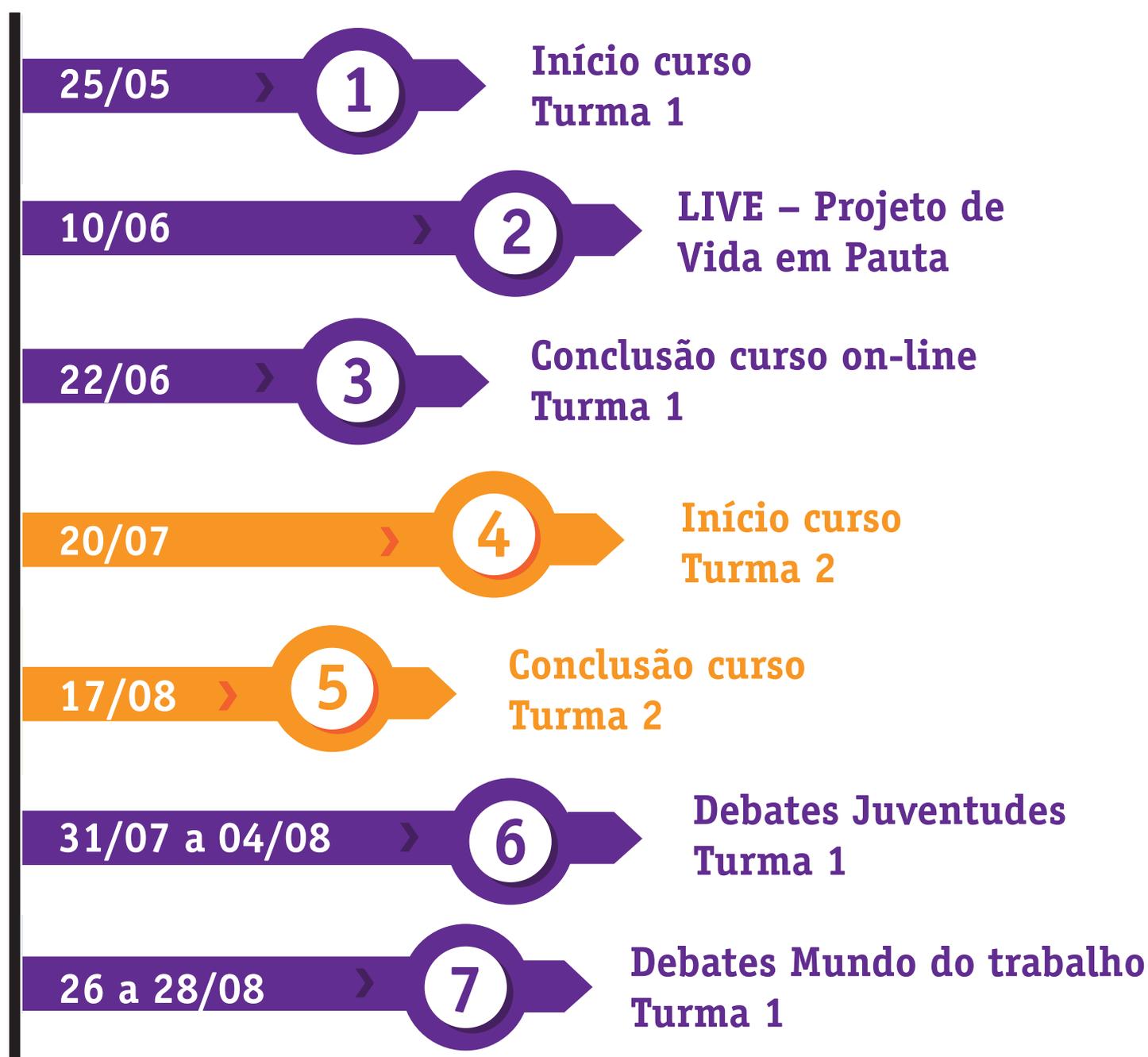
Rotina era certa, sem lugar pra o enfado. Tantas novas estratégias, tantos momentos risonhos. O significativo soava bem ao ouvido e alimentou muitos sonhos.



Para ensinar Projeto de Vida

Linha do tempo

Em nosso percurso formativo, trilhamos caminhos cheios de possibilidades, escolhas e dúvidas, que sempre são bem-vindas, pois são elas que nos empurram para a frente. Nesta linha do tempo, pontuamos alguns dos momentos marcantes da caminhada. Nas páginas seguintes, descreveremos brevemente como realizamos cada etapa e, em seguida, detalharemos nossa metodologia e a maneira como abordamos cada ação.



Para ensinar Projeto de Vida



Professoras e professores? Presentes!

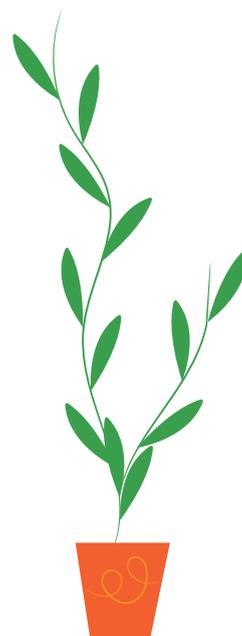
Como garantir a presença dos(as) docentes numa formação totalmente a distância? Sabemos que o percentual de evasão nessa modalidade é elevado. Segundo o Censo EAD 2017, os índices são de 75% em cursos técnicos e 40% em cursos de graduação. Já os cursos do Escolas Conectadas apresentam taxas de conclusão em torno de 30%. Mas nossa meta sempre foi ousada: “queríamos que 100% das pessoas inscritas concluíssem a formação”, relatou Anny Carneiro.

Para isso, era importante chegar aos professores e professoras responsáveis pelo componente e com disposição para participarem do processo formativo. A coordenadora do Ensino Médio da SEC, Renata Silva de Souza, conta como foi feita a mobilização: “Fizemos a divulgação da formação em PV nos grupos de WhatsApp das escolas piloto do Ensino Médio. Depois organizamos a mobilização junto às coordenações pedagógicas e direções dessas escolas pelo WhatsApp e por e-mail.”

Partimos da ideia de que era preciso conhecer com quem estaríamos dialogando, compreender suas expectativas, seu lugar de fala, seu contexto. Essa é uma orientação inicial em qualquer formação, principalmente quando se trata de Projeto de Vida, cujo currículo inicia justamente com essa dimensão pessoal, da identidade, interesses e valores. E foi o que fizemos. Para isso, construímos um questionário, que foi nosso diagnóstico inicial, respondido por 83,7% dos(as) inscritos(as), no qual solicitamos que os/as participantes escrevessem sobre si e suas expectativas em relação à formação. A ideia era registrar como as pessoas estavam chegando em relação ao tema, para, depois, ao final do curso, avaliarmos como se saíram.

Levantamos que o conjunto dos(das) participantes do Módulo de Atualização em Projeto de Vida era majoritariamente feminino, negro, concentrado na faixa etária entre 30 e 50 anos, e com formação em nível de especialização. Também descobrimos que 95% das pessoas inscritas lecionavam o componente Projeto de Vida e que 72% já haviam realizado alguma atividade relacionada, embora 91% nunca haviam feito qualquer formação nesta área.

Foi necessário reconhecer e compreender as diferentes origens e contextos que os(as) participantes nos apresentavam: ambientes rurais, urbanos, territórios indígenas e quilombolas. Por outro lado, também foi preciso dirimir o impacto de condições profundamente desiguais: professores com estrutura e disponibilidade de tecnologias, outros com deficiente acesso à internet, maior ou menor intimidade com as tecnologias. Todas as estratégias de formação e mobilização do curso buscaram dialogar com esse cenário. Muito material de orientação foi produzido, buscando incluir ao máximo todas(os) professoras(es).



Para ensinar Projeto de Vida

Os(as) professores que receberam a responsabilidade de conduzir o componente Projeto de Vida na escola vêm, em sua maioria, de uma experiência com disciplinas das Ciências Humanas e Sociais (46%) e Linguagens e suas Tecnologias (42%). Entre os temas relacionados ao componente, eles(elas) disseram possuir boa ou ampla experiência com identidade, autoconhecimento, consciência social e comunidade (87%), participação e autonomia (82%) e mundo do trabalho (71%). Em relação às metodologias ativas e à avaliação, 55% e 52% dos(as) professores(as), respectivamente, reconhecem não terem nenhuma experiência ou insuficiente.

Apesar de afirmarem ter experiência com a maioria dos temas, apenas 31% sentiam-se razoavelmente preparados(as) para atuarem como professor(a) de Projeto de Vida. A formadora Gilbene Esquivel observa que o(a) docente do componente de Projeto de Vida, antes do curso, muitas vezes se encontrava “nessa concepção tradicional de que é o(a) professor(a) que tem de levar as respostas para o(a) estudante, e muitas vezes *feedbacks* diferentes daqueles que os(as) jovens querem ouvir”. Mais à frente, analisaremos com cuidado as mudanças percebidas nesses perfis, a partir do trabalho desenvolvido.



Para ensinar Projeto de Vida

Nosso percurso

Estrutura da formação	Etapa 1	Etapa 2
Plataforma	Escolas Conectadas	Ambiente Virtual de Aprendizagem/SEC
Carga horária	25h	16h
Aulas	Assíncronas	Síncronas e Assíncronas
Mediação	Educadoras e apoio de formadores da SEC	Educadoras e apoio de formadores da SEC
Unidades	Quatro	Seis
Interação entre cursistas	Fórum da plataforma e grupos de WhatsApp por polos	Fórum da plataforma, grupos de WhatsApp por polos, e chats das aulas síncronas
Comunicação da equipe com cursistas	WhatsApp, fóruns da plataforma, e-mail e contato telefônico.	WhatsApp, quadro de avisos e fórum da plataforma, e-mail e contato telefônico

Para ensinar Projeto de Vida

Etapa 1

Na primeira etapa, a formação aconteceu dentro do programa Pro-Futuro, criado pela Fundação, que oferece diversos cursos gratuitos e on-line de formação continuada para professores(as) da educação básica. Há cursos mediados e autoinstrucionais (cada aluno(a) faz em seu próprio tempo) disponíveis na plataforma **Escolas Conectadas**, que oferece duas modalidades: turmas abertas para qualquer pessoa interessada, independentemente do componente curricular com que atue; e turmas exclusivas, oferecidas em parceria com secretarias de educação. Foi esse o caso dessa formação, que adotou o curso on-line Inova Escola – Projeto de Vida. Como nem todas as 564 escolas-piloto do NEM participaram da primeira turma, foi necessário oferecer mais uma, de forma a chegar a todos(as) professores(as) envolvidos(as) com a implantação do componente de projeto de vida em 2020.



Para ensinar Projeto de Vida

O curso tem carga horária de 25 horas, distribuídas em quatro semanas de duração. A cada semana é disponibilizada uma unidade de trabalho. Na primeira semana, a unidade 1 apresenta o tema “Escutando as memórias afetivas e projetando sonhos”, em videoaula que traz uma discussão sobre o trabalho com Projeto de Vida, com foco na importância de articular conteúdos formais e experiências de vida.

ATIVIDADES: questões reflexivas sobre o assunto, textos para aprofundamento e proposta de planejamento de atividade com alunos para compartilhar no fórum.

Na segunda semana, a unidade 2, “Enxergando o outro e compreendendo o mundo ao redor” apresenta em videoaula os quatro pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

ATIVIDADES: textos com exemplos de escolas inspiradoras; dicas de leitura; compartilhamento de atividades no fórum.

A unidade 3, na terceira semana, “Ressignificando a relação com a vida”, traz vídeo com experiências de escolas desenvolvendo trabalhos na perspectiva do projeto de vida.

ATIVIDADES: leitura de textos sobre três experiências inspiradoras; elaboração de estudo de caso; reflexões, planejamento e compartilhamento de roteiro de ação no fórum da unidade.

O curso termina na quarta semana com um fórum de encerramento.

ATIVIDADES: leitura de texto “BNCC na prática” e participação no fórum.

Todos esses conteúdos já estavam organizados no curso de Projeto de Vida do Escolas Conectadas. Acrescentamos um fórum geral, fóruns por polo e dois textos para contextualização: a apresentação do Pense Grande na Bahia e a apresentação do curso para os(as) professores(as) baianos(as).

Semanalmente, as professoras e professores deveriam realizar e postar as atividades sugeridas para cada unidade. Ao final, receberam o certificado de conclusão aquelas/es que concluíram todas as atividades.

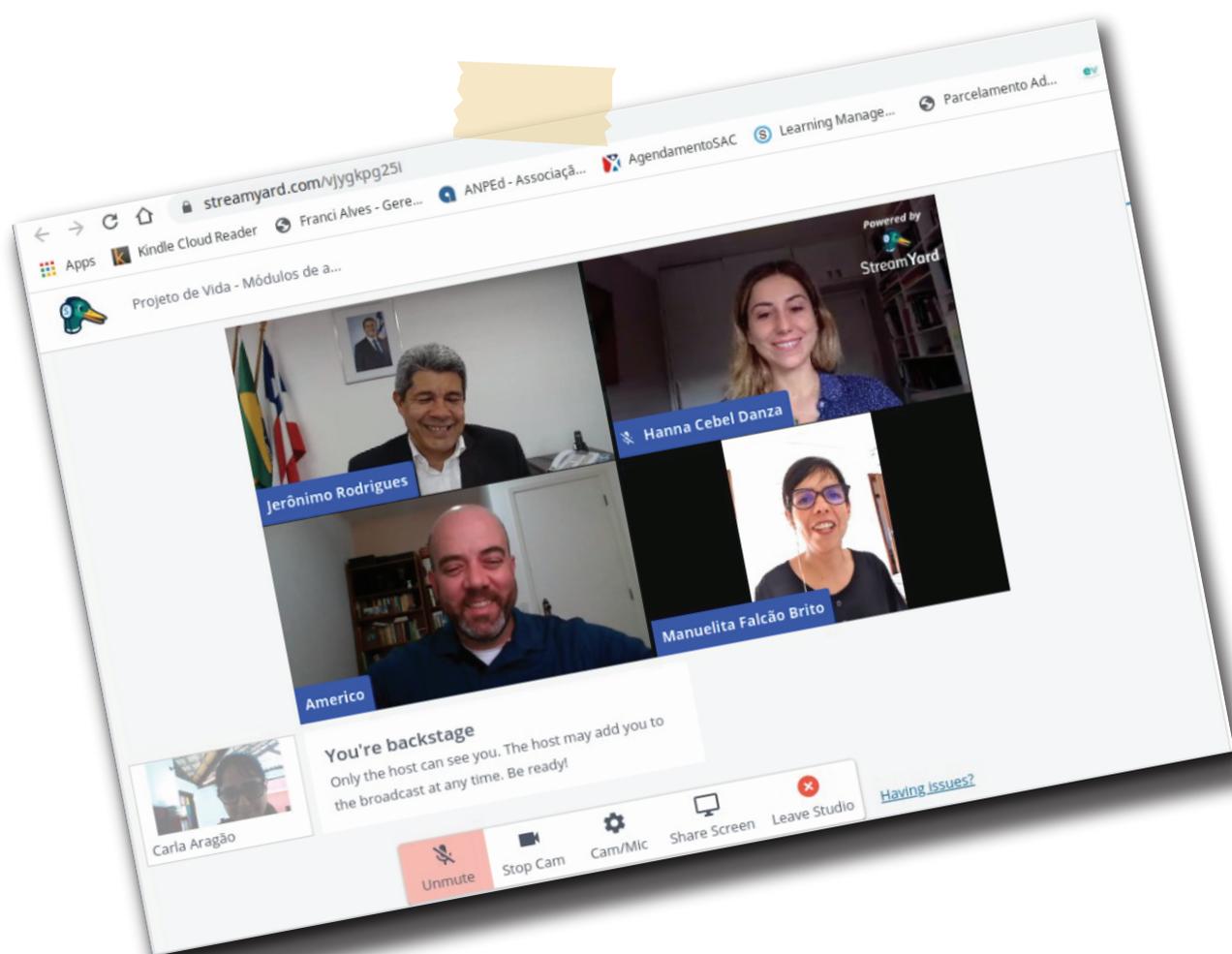
Durante a Etapa 1, realizamos ainda um encontro on-line com a presença de Jerônimo Rodrigues, secretário de Educação da Bahia, Americo Mattar, presidente da Fundação Telefônica Vivo (FTV) e Manuelita Falcão, superintendente de Políticas para a Educação Básica da Bahia. Com o título **Projeto de Vida em Pauta**, a live teve como convidada a especialista Hanna Danza, que apresentou conceitos, abordagens e os resultados de anos de suas pesquisas de mestrado e doutorado em Projeto de Vida. Ela é consultora da Fundação sobre PV e atuou em formações do Conselho Nacional de Secretários de Educação. Contamos com mais de 300 participantes e, no questionário de avaliação final, a maioria das pessoas respondeu que aquele momento contribuiu para aumentar o interesse e manter o engajamento no curso.

Os conteúdos apresentados na Etapa 1 foram uma boa forma de introduzirmos o componente, prepararam e mobilizaram os professores para o aprofundamento dos temas realizado na etapa seguinte.

Para ensinar Projeto de Vida

“As contribuições foram imensas, desde o contato com memórias de atividades já realizadas por mim fazendo relação com o conteúdo aqui exposto, até a própria relação do curso com a BNCC tão estudada por nós, educadores. Desejo ainda ver mais propostas práticas, planos já prontos e sequências didáticas variadas, para fornecer esse ganho de possibilidades de trabalho e deles gerar meus próprios planos.”

Elenita Brito Aragão, polo Jequié



A transição

Entre os meses de julho e agosto, a segunda turma ainda estava realizando a etapa 1, concluída pela primeira turma no final de junho. Precisávamos manter a turma 01 engajada até o início da segunda etapa, que só aconteceria em setembro.

Foi então que decidimos criar uma série de atividades de transição. A ideia era que o(a) professor(a) vivenciasse algumas técnicas aplicadas ao conteúdo de Projeto de Vida, que pudessem utilizar em sala de aula. Nosso objetivo foi provocar, principalmente, alguns aspectos das competências socioemocionais, porque, ao pensar sobre o seu próprio processo, o(a) cursista poderia compreender melhor quais cuidados e dispositivos seriam necessários para conduzir atividades dessa natureza com seus alunos e suas alunas. As consignas foram desenvolvidas pela equipe e orientadas pelas educadoras nos grupos de WhatsApp. As atividades foram intercaladas de um encontro síncrono com cada grupo, para conversarmos sobre as reflexões provocadas.

ATIVIDADE 1: reflexão sobre a própria juventude, a partir da produção de selfies e da partilha de fotografias dos professores(as) de quando cursavam o ensino médio. Todas as fotos foram organizadas em um mural virtual criado no aplicativo Padlet e aberto para a visitação de todos(as).

ATIVIDADE 2: foi sugerido que os(as) professores(as) assistissem ao documentário "Nunca me sonharam", para estimular uma reflexão sobre as demandas e desafios da juventude contemporânea. Depois de concluídas as duas atividades, foi realizado um debate para que os(as) professores(as) pudessem trocar sentimentos e percepções sobre elas.

“Assisti a esse filme e me tocou que muitos desses jovens não têm perspectiva de futuro, porque as pessoas que estão em volta deles não valorizam seus sonhos, potencialidades... percebemos a preocupação de professores, gestores, alunos. A escola tem dado conta dessas subjetividades?”

Professora Edilaine Silva, polo Seabra



Para ensinar Projeto de Vida

ATIVIDADE 3: reflexão sobre a trajetória profissional a partir da construção personalizada de bandeiras, seguida de exposição coletiva em um mural virtual (Padlet).

ATIVIDADE 4: para refletir sobre o mundo do trabalho atual e o projeto de vida dos jovens, convidamos os(as) professores(as) a ouvir o podcast "Juventudes e Mundo do Trabalho", disponíveis no site do Porvir. As atividades 03 e 04 foram seguidas de mais uma rodada de debates para partilha de impressões.

“São atividades inspiradoras, que nos fizeram imergir na filosofia do Projeto de Vida. E isso é o nosso horizonte, para que, em sala de aula e na vida, sejamos agentes transformadores. O mapa foi um exemplo maravilhoso disso. Um momento que nos levou a enxergar a vida, a perceber a vida como um projeto de vida, de viver. Nosso desafio é efetivar esses métodos e conhecimentos em nós e na escola.”
Professor Silas Batista do Nascimento, polo Barreiras

Cerca de três semanas se passaram depois que a turma 2 concluiu a primeira etapa da formação, e não quisemos soltar a mão de ninguém nesse momento. Para manter os/as participantes interessados e engajados para a segunda etapa, realizamos encontros virtuais com todos(as) para apresentar o desenho da próxima fase. Fizemos cinco sessões virtuais pelo Google Meet. Cada sessão contou com a presença de 50 a 85 professores(as).

+Pense Grande
NA BAHIA

Módulo de Atualização em Projeto de Vida

Bandeira Pessoal

O objetivo desta atividade é elaborar o projeto de vida, através da reflexão sobre seu percurso e perspectivas pessoais para o desenvolvimento profissional.

Países, times e organizações possuem bandeiras que representam suas histórias e identidades.

Bandeiras pessoais seguem essa mesma ideia e convidamos você a criar a sua com foco na área profissional, a partir de cinco questões:

 Qual(is) a(s) minha(s) principal(is) conquista(s) profissional(is)?

 Quais as minhas áreas de interesse?

Como eu me vejo, profissionalmente, daqui a **10 anos?**

 Que passos eu preciso dar para me aprimorar profissionalmente?

 Quais são minhas fontes de inspiração para minha jornada (pessoais, históricas, lugares, conhecimentos...)?



Vamos começar? Basta seguir o passo a passo abaixo.

COMO CRIAR A SUA BANDEIRA:

 Responda as perguntas acima numa folha de papel de modo a poder visualizar sua reflexão;

Em outra folha, você vai criar a sua bandeira pessoal, representando o que você refletiu a partir das perguntas;

 Você pode elaborar uma moldura à mão, em qualquer formato, e preencher seu desenho da maneira que desejar. Valem palavras, frases, símbolos, desenhos, recortes de revistas... use a criatividade!

Quando sua bandeira estiver pronta, tire uma foto da produção e compartilhe no grupo de whatsapp.



Prazo desta atividade:
Até 17 de agosto



Etapa 2

A segunda etapa foi construída inteiramente pela equipe do projeto em conjunto com os parceiros. Para isso, analisamos as sugestões que os(as) participantes apresentaram no [questionário de avaliação](#)⁶ da primeira etapa de formação, revisitamos os documentos produzidos pela SEC e a própria BNCC.

Essa atitude responsiva e aberta ao diálogo com os(as) cursistas foi uma preocupação que tivemos o tempo todo da formação. Podemos dizer que, na Etapa 2, experimentamos a radicalidade do conceito freireano de construir com o sujeito. Tal qual propunha Freire, criamos de maneira colaborativa, partindo das realidades que se apresentavam, respeitando as visões e acatando as opiniões de pessoas envolvidas na equipe técnica, de formadores e parceiros. Foi assim que redobramos os esforços para garantir que nossas aulas e atividades gerassem os resultados esperados: docentes com autonomia para planejarem suas aulas a partir do conhecimento de quem são seus estudantes, em que contexto vivem e qual é sua visão de mundo, respeitando seus desejos e valores.

6. Questionários de avaliação foram instrumentos previstos e aplicados ao final de cada etapa da formação, com o objetivo de levantar as percepções de participantes sobre a formação, verificar como ela impactou na compreensão do tema, quais eram as perspectivas de repercussão no trabalho e as expectativas deles(as) para o futuro. Na primeira etapa, houve muitas demandas por encontros on-line e vídeoaulas, bem como por mais oportunidades de participação para cursistas.



Para ensinar Projeto de Vida

Com uma *megalive* de abertura, iniciamos a Etapa 2. Chamamos de megalive porque queremos que fosse apoteótica, muito especial. Contamos com a participação de Jerônimo Rodrigues, secretário de educação, Anna Penido, especialista em educação, Lara Santos, estudante de Ensino Médio além dos professores convidados professora Andrea Rosa Souza (Cetep em Gestão e Negócio do Centro Baiano) e professor Emeson Costa (Escola Estadual Desembargador Pedro Ribeiro).

Em uma fala emocionante, Anna Penido destacou a importância de se ter um propósito na vida e de como um projeto de vida pode auxiliar nesse sentido. Ela reforçou a necessidade de professoras e professores organizarem o ambiente escolar, para que o PV possa se conectar com os itinerários formativos e ser também um componente curricular. E lembrou que é muito difícil trabalhar o projeto de vida de outra pessoa sem trabalhar o próprio projeto e entender se há uma adesão dele com a escolha profissional, com a docência.

A professora Andrea compartilhou sua experiência com PV para 12 turmas de Ensino Médio em um colégio técnico profissional, ao passo que Lara Santos, sugeriu aos(as) professores(as) trabalharem mais com as questões socioemocionais, quando as aulas presenciais forem retomadas. Entre outras questões, o professor Emerson refletiu sobre a importância de transversalizar PV e envolver toda a comunidade escolar no tema. Ao final, quase 500 pessoas participaram professoras(es), gestoras(es), coordenadoras(es) pedagógicas(os) e técnicas(os) da SEC.



Para ensinar Projeto de Vida

O currículo da segunda etapa, que aconteceu entre setembro e dezembro de 2020, foi estruturado a partir de dois eixos formativos:

1. Juventudes – identidades, questões e demandas atuais
2. Planejamento e Avaliação

Fizemos seis encontros, um de abertura e um de encerramento, todos realizados de forma on-line e síncrona, além de atividades assíncronas, a partir de um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) organizado no Moodle da SEC. Todas as atividades eram gravadas e disponibilizadas para aqueles(as) que quisessem rever ou os que não podiam assistir ao vivo.

Convidamos especialistas de referência para dar suporte em cada tema, sugerindo atividades preparatórias, planejando e conduzindo as

aulas on-line; Nós nos reunimos várias vezes com eles e passamos informações detalhadas sobre perfil dos(as) professores(as), demandas e necessidades. Cada especialista propôs atividades de avaliação, indicou objetos de aprendizagem, um texto de referência e materiais complementares.

Construímos aulas síncronas lúdicas, dinâmicas consistentes e participativas. Tínhamos consciência de que elas deveriam ser um exemplo para inspirar os(as) professores(as) em suas próprias aulas. E demos asas à criatividade.



Para ensinar Projeto de Vida

Nos encontros e atividades da segunda etapa, também procuramos apresentar as metodologias ativas como conteúdo transversal, para que seu uso seja potencializado em sala de aula. Trata-se de práticas que estimulam a autonomia e o comprometimento dos(as) estudantes com a construção do conhecimento. O objetivo é contribuir para que o(a) aluno(a) seja o protagonista do processo de aprendizagem.

Pretendemos ampliar o repertório dos(as) cursistas, para que possam experimentar essas possibilidades com seus alunos e alunas nas atividades de PV. Utilizamos enquetes on-line com o aplicativo **Mentimeter**⁷, por exemplo, que serviram para promover interação dos professores com os especialistas. Também exibimos vídeos durante a aula, para complementar ou dar um exemplo dos conteúdos que eram apresentados.

Contamos com a facilitação gráfica realizada pela educadora Mônica Santana. O processo de facilitação gráfica consiste em uma sistematização simultânea à fala do(a) especialista, por meio de desenhos e frases curtas ou palavras sintetizadoras. O trabalho, desconhecido pela maioria dos(as) cursistas, despertou bastante interesse e algumas professoras relataram o desejo de fazer algo semelhante em suas aulas.

Nas aulas, realizamos uma roda de conversa, promovida entre os(as) especialistas e as professoras convidadas, que puderam responder também a algumas perguntas postadas no chat do Zoom.



7. **Mentimeter** é uma plataforma online que permite criar e compartilhar apresentações interativas, além de oferecer ferramentas, como nuvem de palavras e questionários, que podem ser compartilhadas com o público.



Para ensinar Projeto de Vida

Por meio do AVA, as(os) cursistas tiveram acesso à apresentação de cada unidade, seus conteúdos e atividades, assim como a todos os materiais de referência e às aulas gravadas com os especialistas. A opção por usar o ambiente de aprendizagem da Secretaria de Educação foi uma estratégia para garantir a continuidade de acesso das(os) professoras(es) aos conteúdos das formações.

A estrutura que criamos para o **AVA** foi a seguinte:

QUADRO DE AVISOS: Espaço para a socialização das notícias/informações referentes à formação.

FÓRUM DE DÚVIDAS: Espaço para esclarecimento de dúvidas das(os) professoras(es).

FÓRUM ACONTECEU NA MINHA SALA DE AULA: espaço de partilha da atuação dos(as) professores(as) com seus alunos e alunas.

UNIDADES 01 A 06: espaço de cada unidade da formação, contendo: ambiente de acesso e registro da presença na aula síncrona; orientações sobre a unidade; apresentação utilizada pelo(a) especialista durante a aula; textos e outros materiais de referência indicados pelo(a) especialista; atividade preparatória e de avaliação da unidade e materiais complementares.

NOTAS E CERTIFICAÇÃO: espaço para postagem de informações sobre a emissão dos certificados e postagem da declaração de multiplicação, documento solicitado para registrar a realização de atividades com os(as) alunos(as).

O acesso e o registro da presença na sala de aula do Zoom era realizado por meio do AVA. As aulas síncronas consistiram em encontros ao vivo, de duas horas, com especialistas e convidados. Eram gravadas e posteriormente disponibilizadas no AVA, para professores(as) que, por algum motivo, não pudessem assisti-las ao vivo. Nestes casos, os(as) professores(as) respondiam um questionário duas ou três perguntas a respeito de assuntos tratados pelos(as) especialistas.

As atividades assíncronas aconteceram antes e depois de cada aula ao vivo. Alguns dias antes da aula, enviávamos a atividade preparatória sugerida pelo(a) especialista: podia ser um filme para ser assistido e comentado, a elaboração de um plano de aula ou um exercício de avaliação, entre outras tarefas.



Currículo da Etapa 2:

Unidade 1: Juventudes e identidades

Especialista: Regina Novaes

Ementa: construção social, cultural e histórica do conceito de juventude; entendendo as juventudes no Brasil no contexto atual: diferenças e desigualdades; direitos e política nacional de juventude; sentidos de estar na escola; funções e potencialidades do espaço escolar; trajetórias juvenis e campo de possibilidades; projeto de vida e escutas mútuas: diálogos intergeracionais e intrageracionais; a escola que queremos: demandas, sonhos e propósitos.

A escolha de abrir a Etapa 2 com o conteúdo Juventudes e Identidades aconteceu por conta de uma necessidade de aprofundar com os(as) docentes a reflexão sobre o tema numa perspectiva que considerasse mais a sua diversidade e os desafios que estão colocados no contexto atual. Regina Novaes, pesquisadora da temática, doutora em Antropologia Social e professora da Unirio, ofereceu a eles(as) a oportunidade de abordar a questão de forma

ampla, com todos os marcadores sociais que compõem a ideia de juventudes contemporâneas (gênero, raça, etnia, classe social, orientação sexual, local de moradia). Na semana que antecedeu a aula, os(as) cursistas foram convidados(as) por Regina a assistirem o documentário "Uma árvore bonita" e gravarem vídeos com suas reflexões, que foram depois organizados num mural virtual (Padlet) pela nossa equipe. O documentário apresentava a trajetória de quatro jovens baianos muito articulados e possibilitou que os(as) professores(as) percebessem alguns recortes das diferentes juventudes locais, seus desafios, suas opiniões sobre a educação, a vida profissional, a família, o racismo, a violência. Vivências que nos inspiram a ter um olhar diferente do nosso contexto", como disse a professora Givaédina Moreira de Souza, do polo Barreiras.

Filme de referência: Uma árvore bonita (2012) – Disponível em: <https://youtu.be/mtkKczZfcY>

Texto de referência: NOVAES, Regina. "O campo das políticas públicas de juventude: conquistas e limites" in MONTECHIARE, Renata e MEDINA, Gabriel (orgs). Juventude e educação: identidades e direitos. São Paulo: FLACSO, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3AsR5NQ>



Para ensinar Projeto de Vida

Unidade 2: Eu e o outro (Responsabilidade social)

Especialistas: Feizi Milani, Bruna Hercog e Jadison Palma

Ementa: ética; cidadania; relações sociais; cultura de paz; comunidade; contexto local; intervenção responsável.

O tema “ética e responsabilidade social” foi apresentado pelo doutor Feizi Milani, médico e professor da Uneb. Além dele, convidamos a comunicadora Bruna Hercog, especialista no tema “participação juvenil”. A presença do jovem ativista e estilista Jadison Palma, do Coletivo Jovens Periféricos, ex-aluno de uma escola pública baiana que se tornou empreendedor social com uma ação relevante em sua comunidade, gerou impacto positivo entre os(as) cursistas.

Texto de referência: BEUST, Luís Henrique. A educação para a ética e a cultura da paz. *In:* MILANI, Feizi M.; JESUS, Rita de Cássia D. P. (orgs.). **Cultura de paz:** estratégias, mapas e bússolas. Salvador: Inpaz, 2003.



Para ensinar Projeto de Vida

Unidade 3: Eu no mundo (mundo do trabalho e formação intelectual)

Especialistas: Ivan Faria e Mônica Santana

Ementa: o(a) educador(a) e seus projetos; o mundo do trabalho na contemporaneidade; sobre a noção de projeto de vida e suas dimensões (projeto, campo de possibilidades); jovens e sua relação com o mundo do trabalho; projetos pessoais, profissionais e de cidadania; o empreendedorismo por possibilidade e por necessidade; a construção de estratégias e de redes de apoio; formação profissional e formação humana; percursos e carreiras acadêmicas.

Textos de referência: CORRÊA, C.S. e SOUZA, S. J. "O que será o amanhã? Expectativas de jovens sobre futuro, política e trabalho". In Desidades. Revista Eletrônica de Divulgação Científica da Infância e Juventude. n. 08. UFRJ: Rio de Janeiro, 2015.

Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/desidades/article/view/2647>

Certamente a temática do mundo do trabalho é fundamental para dar sentido ao Ensino Médio, que sempre foi considerado uma formação propedêutica, muitas vezes desconectada das perspectivas que o(a) jovem tem para o futuro.



Nesta unidade, o professor Ivan propôs pensar sobre o mundo do trabalho contemporâneo e os desafios que estão nele colocados para a juventude, especialmente no campo da sua formação profissional e inserção no mundo do trabalho. Refletiu sobre a questão do projeto de vida, a partir da relação entre as desigualdades e os desejos dos(as) jovens e como ela afeta as suas escolhas, trazendo também um debate sobre o empreendedorismo neste contexto.

“Empreendedorismo se tornou também para nós um desafio conceitual. O seu uso ideológico neoliberal, midiático, levou muitos a crer em um trabalhador meramente autônomo. A riqueza do termo vai além desse senso comum.”

**Professor Silas Batista do Nascimento,
polo Barreiras**



Para ensinar Projeto de Vida

Unidade 4: Planejamento de Projeto de Vida

Especialistas: Paulo Emílio Andrade, Samuel Andrade e Saionara Almeida

Ementa: o que são projetos de vida; projetos de vida na escola de acordo com a BNCC e o Novo Ensino Médio. Experiências de trabalho com projetos de vida de professores de outras redes. Como o trabalho com projetos de vida pode ser traduzido em planos de aulas que apoiem o trabalho dos professores.

Vídeos de referência: Maria de Lourdes Ramos | Projeto escolar muda a visão dos alunos sobre o bairro onde vivem. Disponível em: bit.ly/relatopv1

Mauro Storani Pacheco | 'Com Projetos de Vida, voltei a estudar e a gostar de trabalhar'. Disponível em: bit.ly/relatopv2

Jairo César Alves | "Os Projetos de Vida são a espinha dorsal da escola". Disponível em: bit.ly/relatopv3

Como uma atividade de aquecimento antes da aula, os especialistas Paulo Emílio e Samuel provocaram os cursistas a gravarem um vídeo, respondendo a seguinte pergunta: Como os estudantes se enxergam e constroem seus projetos de vida? Todos os depoimentos foram reunidos no mural virtual "Fala, professor!", alguns deles exibidos durante a aula.

A professora da rede pública de Santa Catarina, Saionara Almeida, foi convidada a participar da aula, integrando uma roda de conversa com os dois especialistas, contando a sua experiência numa escola que já tem o projeto de vida implantado como componente curricular.



Para ensinar Projeto de Vida

Unidade 5: Planejamento na prática

Especialistas: Cida Silveira, Cíntia Cordeiro e Yone Santiago

Ementa: Dimensões do planejamento; orientações para elaboração do planejamento em PV; roteiro do planejamento.

Esta unidade concentrou os esforços em trabalhar com os(as) professores(as) a prática do planejamento em projeto de vida. Para isso, foi sugerida a elaboração de um plano de aula, para a qual foram disponibilizados materiais de referência, orientações e um roteiro.

Durante a aula com Cida Silveira, foi apresentado detalhadamente o que um planejamento de uma aula de projeto de vida precisa contemplar, como este tema deve ser abordado em sala e a postura do(a) professor(a) para conduzi-lo.

Cida convidou as professoras baianas Cíntia Cordeiro (Colégio Estadual José Moreira Cordeiro) e Yone Santiago (Colégio Estadual Ypiranga), que já trabalhavam com Projeto de Vida, para compartilhar suas experiências com o planejamento e a organização de atividades que geraram bons resultados junto aos seus respectivos alunos e alunas.

Materiais de referência: Planos de aula do Instituto Iungo.

Disponíveis em: <https://iungo.org.br/material/plano-de-aula-3-familia-estudos-projeto-de-vida/>

FUNDAÇÃO TELEFÔNICA **vivo** **ETAPA 2** Módulo de Atualização Projeto de Vida **Planejamento NA PRÁTICA** **YONE SANTIAGO** Convidada **MARIA APARECIDA SILVEIRA** Especialista **CÍNTIA CORDEIRO** Convidada **5º Encontro** ava.educacao.ba.gov.br 29/out 2020 | quinta-feira | 14h30 às 16h30

FUNDAÇÃO TELEFÔNICA **vivo** **ETAPA 2** Módulo de Atualização Projeto de Vida **UNIDADE 5 já começou!** **Planejamento NA PRÁTICA** Confira os materiais no AVA.EDUCACAO.BA.GOV.BR

Unidade 6: Avaliação em PV

Especialistas: Luciana Medeiros, Francila Novaes, Rosana Marcolino e Mônica Santana

Ementa: tipos de avaliação; abordagens; desafios da avaliação em PV; prática de avaliação na escola.

Duas semanas antes do final da formação, a SEC determinou férias coletivas. Por isso, a aula da unidade 6 foi gravada e disponibilizada de maneira assíncrona. A aula abordou as relações entre a avaliação e o projeto de vida, quais são as abordagens mais recentes neste campo e os desafios que estão colocados. Para dar mais leveza ao tema, as especialistas convidaram Rosana Marcolino, coordenadora pedagógica de uma escola da rede estadual de Santa Catarina, para contar sua experiência com a avaliação no contexto de projeto de vida. Também contamos com a facilitação gráfica de Mônica Santana, que contribuiu com a reflexão sobre o tema com outros olhares.



Conclusão do ciclo formativo

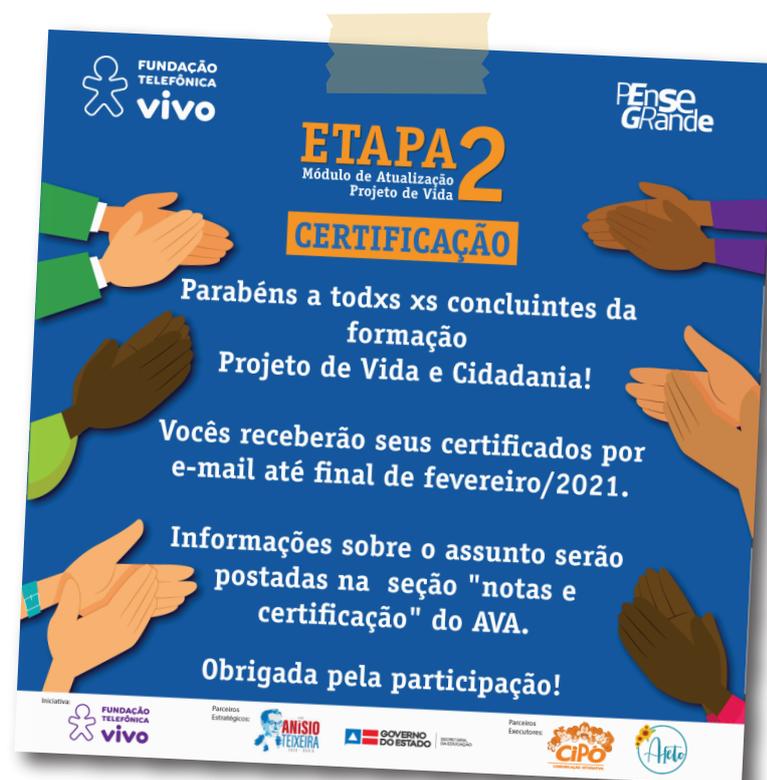
Diante das férias dos(as) professores(as), foi preciso revisar o planejamento e adiar os prazos para entrega de tarefas e conclusão do curso.

No retorno dos(as) professores(as) ao trabalho, retomamos uma ação que já estava planejada, denominada Maratona, que consistiu em entrar em contato com todos(as) os(as) cursistas que faltavam entregar atividades para incentivá-los(as) a finalizarem e, dessa forma, concluírem o curso.

Uma das atividades que mais demandaram tempo e esforço dos(as) professores(as) foi a elaboração de um plano de aula de Projeto de Vida. Para que os(as) cursistas pudessem conversar e elucidar dúvidas referentes a qualquer atividade, aos prazos, certificados e outros assuntos, alguns dias antes da data de encerramento do curso, organizamos um plantão tira-dúvidas, encontros ao vivo com os(as) educadores(as) do projeto.

Depois de tantos meses de dedicação e envolvimento, queríamos que nosso percurso formativo fosse concluído com um momento marcante, que fizesse jus a tudo o que construímos.

Por isso, organizamos um encontro de culminância, realizado no dia 11 de dezembro de 2020, que contou com apresentações musicais, declamação de cordel, sorteio e muitos depoimentos emocionantes de cursistas sobre suas vivências durante a formação. Incluímos uma homenagem a uma colega querida que faleceu durante o nosso percurso, a Tatiane Souza, e concluímos com agradecimentos gerais.



A metodologia: uma construção cuidadosa

Qual é o cuidado que se deve imprimir numa formação em Projeto de Vida para profissionais que vão lidar com esse tema na ponta? Como é que o processo se transforma em uma referência para que as pessoas aprendam vivenciando? Estas foram algumas das principais questões que nos orientaram na construção dessa formação, que compreendemos como um processo que “inexiste a priori”, pois engloba “transformações e aprendizagens realizadas pelo sujeito sobre si mesmo, nas interações sociais e no relacionamento com seu meio pessoal e profissional” (REIS, OSTETTO, 2018).

Entendemos que o(a) professor(a) de Projeto de Vida, por mais bem-intencionado(a) que seja, não pode dizer à aluna ou ao aluno o que ela ou ele deve ou não fazer ou o que é melhor para a sua trajetória. A importância do seu papel é desenvolver ações que levem o(a) estudante a reconhecer a relevância que tem o conhecimento na construção de seu projeto de vida.

Da mesma maneira, nesse percurso, nós nos empenhamos para trabalhar metodologicamente uma educação baseada nos princípios, valores e práticas freireanos, partindo das experiências concretas de vida dos(as) professores(as) para construir conhecimento sobre PV junto com eles(as). Nos colocamos como aprendizes também, respeitando e valorizando as opiniões dos(as) participantes; a fim de conhecer suas experiências antes de definir temas, selecionar especialistas e escolher convidados. O desafio foi fazer com que a formação fosse uma metalinguagem do processo.

Por isso, jamais apresentamos modelos de como fazer, “receitas de bolo”. Sempre tentamos criar atividades que oferecessem às(aos) cursistas oportunidades de refletir, problema-

tizar e construir novas sínteses: sobre suas próprias escolhas na vida, suas trajetórias e propósitos, o perfil e identidades dos(as) jovens com os(as) quais trabalham, acerca de seus diferentes contextos de atuação e situações desafiadoras vivenciadas no ambiente escolar e em sala de aula, com alunos e alunas. Estimulamos as partilhas, os testemunhos, tomando o cuidado de apresentar experiências relevantes de outros(as) docentes e, sempre que possível, convidando-os(as) para falarem a respeito delas. Acreditamos que esse diálogo entre pares as práticas podem ser enriquecidos ou modificadas.

Durante aulas síncronas e assíncronas, convidamos jovens para tomar a palavra e expor suas vivências em contextos diversos. Tais narrativas levaram educadores e educadoras a repensarem suas práticas, cada um(a) a seu modo. Algumas pessoas podem ter reinterpretado as palavras ouvidas e outras podem ter recriado as narrativas de acordo com suas próprias formas de pensar–sentir–agir. De fato, procuramos o tempo todo trabalhar para desenvolver competências que os(as) habilitariam a criar suas próprias aulas e conteúdos de PV junto com seus alunos e alunas.

Não se tratou de uma formação pontual, de uma semana. Considerando as duas etapas e uma fase de transição entre elas, estivemos juntos durante alguns meses, nos quais foi sendo criada uma grande comunidade, integrada por vários grupos de cursistas que trocaram informações e experiências, partilharam dúvidas e, principalmente, apoiaram uns aos outros nesta tarefa de construir um caminho pioneiro que é dar aulas de PV.

Nesses momentos de encontros síncronos, foi muito rica a troca de experiências entre os(as) participantes, suas reflexões e avaliações sobre os conteúdos estudados. O interesse demonstrado pelo curso foi tanto que testemunhamos situações inusitadas, como uma professora que durante a pandemia, precisou usar o próprio carro como “sala de aula” para conseguir um ambiente mais silencioso do que tinha em casa.

Por meio de uma tela, com afeto

Mediar um processo educativo é como andar com alguém de mãos dadas: ainda que você saiba melhor o caminho, precisa respeitar o tempo do outro, ou vai sair arrastando-o por aí. A proximidade favorece o papo e a camaradagem, e olha só: de mãos dadas, é possível até mudar o itinerário e conhecer novas paisagens, ao acolher as sugestões do seu(sua) parceiro(a) de caminhada. Essa foi a essência da mediação que exercemos, nós que estivemos ao lado das professoras e professores nesse processo. E são as paisagens que visitamos nessa caminhada e os aprendizados que tivemos que vamos apresentar a seguir.

Mediação, mediações

Talvez usar o singular para nomear o que fizemos não seja uma forma precisa de descrever a atividade. Exercemos muitas mediações diferentes, a depender do momento, da necessidade e do professor ou da professora com quem estávamos lidando. Éramos fonte de informação no momento de orientar atividades e apoio técnico na hora de solucionar dúvidas sobre como utilizar as ferramentas tecnológicas. Também fomos o acolhimento que não deixou o(a) participante se sentir solitário(a) e a mobilização, na hora do incentivo para que ninguém atrasasse a entrega das atividades ou mesmo

desistisse do processo. Fomos também referência, modelo de condução de atividades em meios digitais.

Não à toa, um dos maiores problemas reportados pelas professoras e professores participantes do curso era a dificuldade no acesso à internet - em especial, naquelas escolas mais distantes dos grandes centros urbanos. Cientes desse cenário, as opções para a formação e comunicação com os cursistas foram as mais simples possíveis: o mensageiro WhatsApp, presente na maioria absoluta dos smartphones brasileiros (inclusive com acesso que não consome dados, nos planos de telefonia), serviu para reunir os grupos por polo e enviar lembretes e comunicados.

Mas foi a adoção de plataformas mais populares - ainda que não exatamente pensadas para fins educacionais - o primeiro e, certamente, o mais importante passo dado em prol de uma mediação tecnológica que fosse para todas e todos. Apenas para se manter na plataforma mais popular, os limites do WhatsApp (como a dificuldade em resgatar informações e debates) por vezes aumentavam a demanda das mediadoras.

E quantas vezes buscamos, um por um, professoras e professoras que tinham se afastado da formação, para reconvocá-los(as) a retomar? Naquele momento, a troca de mensagens via WhatsApp se convertia em uma verdadeira conversa ao pé de ouvido, com mediadoras e professores compartilhando problemas e estratégias para continuarem no curso. As conversas em privado iam de orientações sobre como realizar atividades até dificuldades pessoais para se manter no curso. No bate-papo em tempo real, cada cursista não era uma meta a ser alcançada, mas um(a) parceiro(a) de jornada.

Eram comunicadas por WhatsApp as atividades preparatórias, as aulas ao vivo e a publicação das aulas gravadas, as demandas do projeto por documentos e o preenchimento de formulários. Até mesmo as características do aplicativo eram levadas em conta, com a decisão de compartilhar apenas uma informação por dia, dada a facilidade com que as informações se perdem no grupo.

De longe, mas perto; por meio de uma tela, mas com afeto: essa foi a essência da mediação tecnológica que construímos com os cursistas. O abraço fez falta, mas a conexão não faltou.

Mesmo à distância, criamos um ambiente acolhedor de interlocução, com afeto, diálogo e uma escuta atenta às suas demandas e dificuldades. Essa construção de vínculos de confiança possibilitou que estivéssemos mais próximos de cada professor e pudéssemos entender o tamanho do desafio que significa lidar com esse componente.

“É bem interessante a gente se sentir de certa forma acolhido e, possivelmente, esse sentimento a gente vai passar para sala de aula também (...)

Vamos ressignificar as nossas práticas em sala de aula.”

Professora Érica Dias, polo Barreiras

Daqui pra frente...

O processo de mediação dos grupos nos proporcionou reflexões sobre a prática docente e se já está havendo uma relação com o processo de formação, a partir dos conteúdos abordados. Em cada comunicado por WhatsApp das atividades

e aula ao vivo, em cada conversa em privado, identificamos que a prática docente passa pelo desafio de articular os conteúdos e atividades propostas na trilha formativa Projeto de Vida com ações e conteúdos programáticos e pedagógicos em sala de aula. Essa inquietação é constante em nossa jornada de mediadoras dos conteúdos. Quais caminhos e indicadores podem ser aplicados para identificar que existe uma busca em resolver o desafio? E os(as) professores(as) associam a importância da formação continuada em Projeto de Vida à prática pedagógica e ao seu cotidiano?

Na busca por respostas, organizamos grupos focais com participantes de diversos polos e contextos. Sabíamos, a partir do diagnóstico realizado antes do início do curso, que muitos(as) professores(as) já trabalhavam sozinhos(as) com o componente a partir de pesquisas individuais (material e atividade). Nesta escuta, os(as) docentes apontaram transformações como pessoa e como profissionais, a partir dos conteúdos oferecidos na formação.

Essa articulação com a prática é fundamental para o processo educativo. Ao articular os conteúdos trabalhados na formação, a prática docente pode apresentar caminhos possíveis de conexão com os atores envolvidos no processo (estudantes, comunidade escolar e família). Dessa forma, permitir que o(a) professor(a) apresente possibilidades de enfrentamento diante da estrutura (e desestrutura) da instituição. Os elementos para tal ato corajoso são a escuta, o respeito e o cuidado, tendo como objetivo compreender e romper com paradigmas que impedem a construção do projeto de vida na escola.

A escola tem um compromisso para com os estudantes, que é criar ambientes abertos à exploração e à interação, em que os alunos e alunas possam alimentar seus sonhos, interesses, curiosidades e efetuar escolhas. Acreditamos que, quando se consegue levar os educadores e educadoras a terem consciência da necessidade de trabalhar nessa perspectiva com projetos de vida na escola, confiamos que estamos em direção a resultados exitosos.

E as histórias de vida se cruzaram ao longo do percurso formativo e nós fizemos parte delas, no sentido de escutar para compreendê-las. A mediação do componente Projeto de Vida se fez presente no cotidiano dos participante cursistas, e a forma escolhida para acompanhar o desempenho deles(as) ao longo do curso nos levou a lugares distintos em suas vidas.

Os relatos que compartilharam conosco contemplam assuntos familiares, inseguranças e autoestima, entre outros, ou seja, elementos que compõem a vida de todo ser humano. Tudo isso nos levou ao lugar da escuta, cuidado, atenção e reflexão sobre a importância da mediação aprofundada, a mediação com olhar para além do conteúdo abordado no curso.

Exploramos, por meio da mediação, todas as possibilidades para facilitar o desenvolvimento/crescimento de cada participante, e foi assim que fizemos enquanto educadoras; atentas aos sinais, adentramos nas vidas dos(as) docentes, prontas para orientar no que fosse preciso. E foi nesse ambiente de afeto e cuidado que os saberes e as histórias de vidas dos(as) participantes caminharam junto ao processo formativo.

Afinal, como lembra Elisa Bastos, técnica da Coordenação de Formação da Suped/SEC, "o afeto é político, move, engaja, ajuda na construção de identidades."

Nossa abordagem enfatizou os afetos também nos conteúdos retratados em cada módulo, porque não há como trabalhar com PV sem desenvolver uma atitude de reconhecimento da alteridade na construção da própria identidade. O "eu" se constrói socialmente por meio da mediação com o "outro". Dessa forma, ao pensar no seu projeto de vida, considere quem você é e o que faz sentido para você, sem esquecer da realidade em que vive, das relações sociais que constrói e do impacto que você causa nelas. Foi por isso que trouxemos essa demanda da **escuta sensível**⁸, de perceber os sentidos das falas e comportamentos, para contribuir com uma mudança da concepção que muitos cursistas tinham do componente.

"A formação em PV fez com que eu entendesse o meu próprio projeto e que eu tenho de seguir esse meu caminho. Acho que muitos de nós precisamos rever o nosso projeto, porque, se a gente não se entender, não vai acompanhar o outro."
Professora Suzana Luz, polo Salvador

8. Como ato social e dialógico, a escuta requer uma abertura para reconhecer que o outro é a fonte possível de uma percepção diferenciada e tem algo a contribuir (no processo de aprendizagem, na gestão das organizações, nas políticas públicas etc.). Nesse sentido, podemos assumir desde uma atitude passiva e/ou de acolhimento (apenas registrar o que o outro diz em uma consulta popular, por exemplo) até um padrão de escuta ativa. Esta última é uma modalidade de observação atenta de cada elemento incluído na relação (si mesmo, o outro, o contexto, o particular e a forma), incluindo explicitamente a reflexividade como parte do processo (SCLAVI, 2003). O propósito não é apenas ouvir para registrar uma opinião, é compreender o que está por trás, para além da aparência, uma porta para o diálogo e revisão das próprias certezas, uma chance de enxergar outras possibilidades e modos de ser das coisas.

Para ensinar Projeto de Vida

Tudo isso exige uma maneira diferente de atuação e procuramos provocar essa mudança. Nossa intenção foi também desenvolver nos professores e professoras um novo olhar sobre os(as) alunos(as) e suas diferentes realidades. Para além de promover a reflexão dos cursistas sobre a diversidade das juventudes, buscamos gerar empatia neles em torno da dura realidade de percursos tão delicados que vivenciam.

“Você passa a olhar para o aluno com olhar diferente:

- O que é que está por trás desse bagunceiro?

Você quer indagar:

- Por que ele está assim?

Tem algum fator, um motivo...então, você muda o olhar.”

Professora Cleonice Lima, polo Seabra

Em algumas atividades, provocamos os(as) cursistas a revisitarem a sua própria experiência durante o Ensino Médio, suas memórias e seu processo de escolha profissional. Eles(as) viram que as mesmas atividades poderiam ser feitas com os(as) alunos(as), e perceberam as situações que podem ocorrer durante a sua aplicação, quais reflexões, temas que a técnica pode mobilizar. Assim, entenderam o seu papel como condutores(as) nesse processo.



“Nós trabalhamos muito com a questão do desenvolvimento emocional (...) senti que, ao mesmo tempo em que eu trabalhava com meus alunos, eu também era transformada; acho que esse foi o diferencial desse curso.”

Professora Djanira Duarte Nunes, polo Juazeiro

Outra dimensão que foi estimulada no corpo docente foi a cooperação. Incentivamos cada professor(a) a utilizar os grupos do WhatsApp para tirar dúvidas e debater sobre Projeto de Vida, mas também para compartilhar experiências e conhecimentos, apoiando, assim, o aprendizado uns dos outros.

“No grupo do WhatsApp, nós tínhamos também conversas no privado com outros colegas quando a gente sentia a necessidade de buscar uma ajuda, de dialogar, de sistematizar uma ideia diferente. Acho que essa formatação foi um grande ganho para nós, enquanto cursistas.”

Professor Adriano Paraíso, polo Porto Seguro

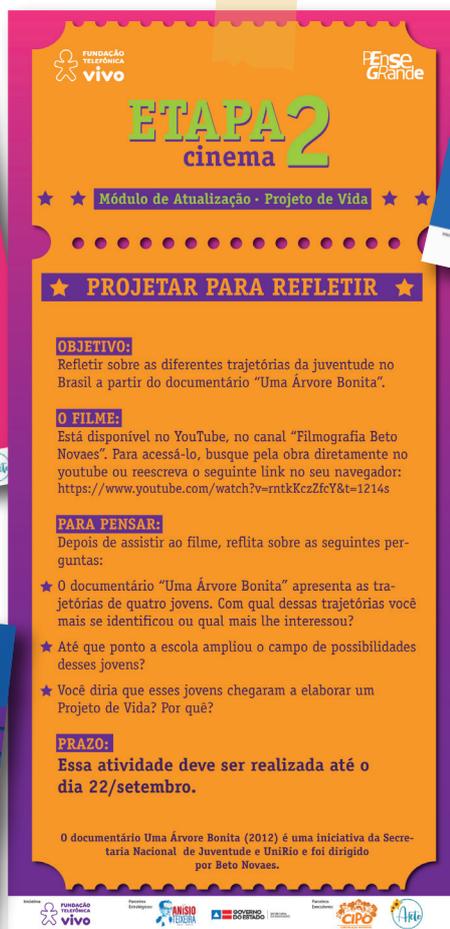
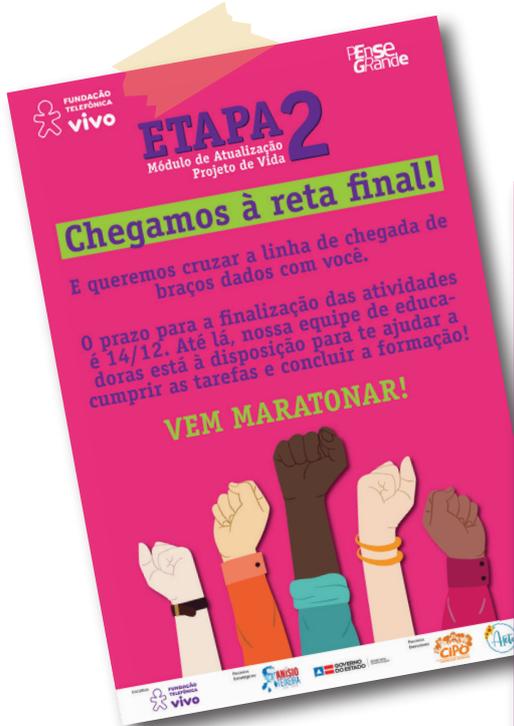
Para ensinar Projeto de Vida

Quem não se comunica, se trumbica

Em qualquer contexto formativo, a maneira como a comunicação é realizada pode contribuir para o sucesso ou o fracasso da ação. A abordagem aqui utilizada se baseia em metodologias de cocriação, que promovem uma educação dialógica, uma comunicação educativa e propositiva, estimulando práticas democráticas, participativas, alinhadas aos direitos humanos e conectadas com os desafios da contemporaneidade.

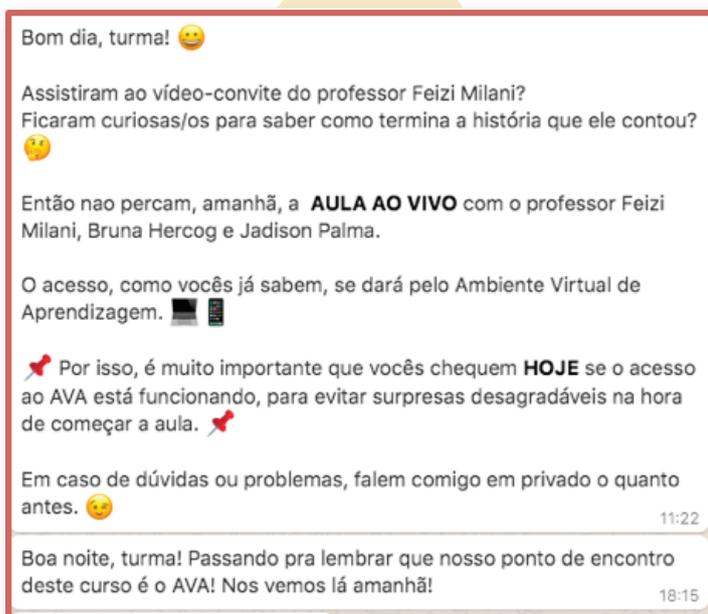
A partir do diagnóstico inicial, quando conhecemos os perfis de nossos interlocutores, começamos a definir a nossa voz, o tom do nosso discurso. Aprendemos que, para mobilizar um grupo grande, à distância, é preciso tempo para movimentação, uma dinâmica de acompanhamento muito próxima e estratégias de comunicação contextualizadas.

Optamos por uma linguagem leve e descontraída, textos diretos e objetivos, evitando comunicações longas e complexas. As imagens tiveram um papel importante, tanto estético quanto metalinguístico.



Para ensinar Projeto de Vida

Nunca havíamos experimentado um uso tão radical do WhatsApp, que foi escolhido como ferramenta de engajamento e de interação entre a equipe de mediação e os(as) cursistas, por ser a rede social acessada por quase todos(as) participantes. Criamos *cards*, peças animadas e vídeoconvites, *banners* e infográficos, com informações, dicas e lembretes sobre prazos, que foram postados quase diariamente, muitas vezes junto a textinhos motivadores, escritos pelas mediadoras de cada grupo, como o que segue:



Para facilitar o acesso às aulas e objetos de aprendizagem, elaboramos diversos materiais de orientação, como tutoriais e vídeos, explicando como acessar o AVA, como registrar a frequência e instalar o Zoom. Os(a) professores(as) também eram auxiliados pelo WhatsApp, antes e durante a realização da aula, já que identificamos muitas pessoas com dificuldades para ingressar nas plataformas.

Foi com o empenho e a expertise da equipe em educomunicação que conseguimos garantir a realização de encontros dinâmicos e com um número expressivo de participantes, que

se mantinha constante até o fim da aula. Em algumas atividades preparatórias, os(as) professores(as) gravaram vídeos para apresentar suas respostas e depois tiveram de encaminhá-los pelo WhatsApp. Em outras, eram solicitados(as) a compartilhar fotos e experiências no mural virtual (criado com a ferramenta Padlet) criado no AVA. Sempre que sentiam alguma dificuldade para utilizar estes recursos, contavam com o suporte da nossa equipe de mediação.

Cristina Santana, diretora da Suped-SEC, já sabe que o formato digital não tem mais retrocesso:

“Mesmo depois que as escolas reabrirem, entendemos que deve prevalecer o formato de aulas híbridas.”

Nós também procuramos incorporar ao aprendizado dos conteúdos de PV alguns aplicativos relativamente descomplicados, como o Zoom, o Meet, o Padlet e o Mentimeter, exploramos os vídeos, *cards*, infográficos e *banners* como objetos de aprendizagem. Queríamos facilitar a nossa comunicação e, ao mesmo tempo, oferecer às professoras e professores repertório de como poderam utilizar os seus celulares como instrumentos de suporte didático, principalmente com a juventude que já faz uso da maioria dessas ferramentas e mídias.



Percebemos que muita gente não tinha familiaridade com processos formativos on-line, o que exigiu maior atenção no que diz respeito à maneira de orientá-los(as) em procedimentos relacionados ao acesso e à dinâmica de uso das diferentes plataformas utilizadas. “Essa é uma realidade preocupante; ficamos pensando como será que esses professores vão fazer para mobilizar seus alunos se não conseguirem se envolver também com esses recursos”, reflete Elielson Teixeira, formador da SEC. De fato, em diferentes momentos da formação, várias pessoas revelaram ter dificuldades com as tecnologias, assim como muitos de seus alunos e alunas:

“Eu achei o curso muito bem elaborado e teve algumas questões desafiadoras, principalmente o uso de tecnologias. Teve uma atividade que a gente fazia uma... como é que dá o nome? Um podcast. Foi bastante desafiadora, mas eu gostei muito. As tecnologias têm muito para ajudar em PV devido, principalmente, ao tempo de estudo em sala de aula. Você tem 35 alunos e passa atividade para eles darem uma opinião. Às vezes, tem cinco que conseguem falar e 30 não conseguem, às vezes por medo, às vezes vergonha... então esse contato extraclasse com o uso dessas novas TICs pode aumentar as perspectivas para eles.”

Professor Ricardo Oliveira,
polo Vitória da Conquista

“Eu ainda tenho muitas limitações para lidar com as tecnologias, tenho buscado melhorar, mas ainda isso me pega um pouquinho. Uma coisa que fico preocupada em relação a esse ensino à distância... é que eu fiz a tentativa com as minhas turmas, a gente abriu o Zoom, tentamos algumas atividades e o feedback foi muito pouco. De uma turma de 42 alunos do 1º ano do Ensino Médio, apenas cinco deram uma devolutiva.”

Professora. Elina Carneiro Muniz,
polo Feira de Santana

O professor **Erlande Santos de Souza** vive e leciona em uma terra indígena no sul da Bahia, um lugar sem acesso à internet. Ele reflete sobre as desigualdades sociais que os atingem em cheio:

“Essa parte [acesso à internet] ainda é negada à maioria dos brasileiros. Ainda estamos no sinal de fumaça. Então, essa questão do uso de tecnologias, quando estamos na escola, em sala de aula, nós procuramos aliá-la a nossa realidade, ao nosso dia a dia, ao nosso convívio. Mas não é algo que a gente pode contar o tempo todo. Por isso, não dá para confiar.”



A stylized illustration of a landscape. At the top left is a large, solid green circle representing the sun. Below it are several trees with green trunks and rounded, green foliage. At the bottom of the page, there are several small, green, leafy plants. The background is white, and the overall color palette is green and white.

Sonhos de educadores.
de um componente atual.
que estavam lecionando
sem saber quem era o tal.
E as dúvidas desses docentes
geraram grandes correntes
para uma mudança vital.

Pra mudança acontecer,
também era pertinente
discutir planejamento
desse novo componente.
E a avaliação?
Como fazer, meu irmão?
Seria ela prudente?

Olha que essas perguntas
permearam a formação
e foram bem respondidas
com exemplo da ação
de cada educadora
da ação mediadora
da escuta de plantão.

Agora escuta também,
abraça esse relato,
aprecie experiências,
a imagem do retrato.
E que Projeto de Vida
faça ponte e guarida.
Vem dançar nosso compasso!

“Um projeto de vida nada mais é do que o planejamento de resgate para cada etapa da existência. É uma consciência de que viver precisa ser por viver.

Na essência e, se preciso for, a resistência... a gente faz! Mas não abrimos mão da beleza de ser e viver o que nos foi destinado: brilhar em movimento, gerar continuidade, desenhar infinitos e trilhar esperança.

Quem disse que é fácil?

Dói demais alguns dias, alguns anos até! Mas história tem preço. E, no fim, o valor: da certeza, da vitória, da chegada. Primeiramente, o sonho de hoje, a esperança de amanhã, a luta de sempre e o futuro da chegada.

A celebração não precisa ser no final, já que o sabor da caminhada traduz a mistura, a diversidade e a comunhão. Identidade e orgulho de se pertencer a si mesmo(a).

Projeto de vida que abarca a marca da junção: Somos iguais, diferentes ou não!”

**Professora Anedy Belisario,
polo Feira de Santana**

Realmente, professora, ninguém disse que o percurso que trilhamos e mostramos no capítulo anterior foi fácil, mas foi fácil ver o valor dessa história, não apenas em números, mas também em momentos marcantes de partilhas e aprendizagens de novas ideias e novos modos de fazer. Pedimos aos gestores(as), coordenadores(as), especialistas convidados(as), educadoras, formadores(as) e cursistas que avaliassem os resultados. E nos deparamos com muitas narrativas emocionantes, algumas surpreendentes e outras provocadoras.

Do ponto de vista da articulação de parcerias entre o poder público, setor privado e as organizações da sociedade civil, essa experiência do Módulo de Atualização em PV pode ser tomada como referência bastante positiva. Citamos, como exemplo, a própria Fundação Telefônica Vivo, para a qual o trabalho resultou em uma grande inspiração.

“Ainda não havíamos trabalhado em uma escala tão grande e fomos desafiados pela SEC-Bahia a oferecer a formação para mais de 500 escolas. Foi necessária outra logística, outra equipe foi contratada para dar conta, mas deu tudo certo e ficou a experiência para a Fundação.”

**Tiago Torres, coordenador do
Pense Grande**

Diante do desafio que tivemos, construímos uma metodologia com capacidade de reedição em escala, na Bahia ou mesmo em outros estados. Não foram 30 ou 50, foram cerca de 900 pessoas mobilizadas. E com o diferencial de uma mediação presente, com uma abordagem individualizada e disponibilidade para conversar diretamente, por telefone ou WhatsApp, sempre que necessário. Esse acompanhamento, na opinião de 47,6% das pessoas participantes, foi fundamental para o cumprimento das tarefas; para 38% contribuiu para aumentar o interesse pelo curso e, para 12,7%, facilitou o aprendizado.

Histórias de valor

Não é incomum que cursos de educação a distância tenham evasão muito alta. Os processos disparados por nós, ao contrário, tiveram resultados acima da média (ver tabela abaixo). Entendemos ser um resultado das mediações praticadas: elas foram agente motivador para os professores e professoras que buscam repensar práticas no processo ensino-aprendizagem.

Etapa 1	Etapa 2
676 professoras(es) + 62 Técnicos(as), gestores(as) e coordenadores(as) pedagógicos(as) 738 concluintes 83% do total de inscritos concluíram 99% satisfeitos e muito satisfeitos com o curso	419 professoras(es) + 20 técnicas(os) 439 concluintes 62% do total de inscritos concluíram 96% satisfeitos e muito satisfeitos com o curso

Para começar, há uma característica nessa formação que avaliamos como essencial para garantir o engajamento em qualquer evento: ela atendeu a uma demanda da maioria das pessoas participantes, vinha de uma necessidade prática e, portanto, fazia muito sentido. Além disso, o tema “projeto de vida” é, por si só, engajador, pois nos provoca ao autoconhecimento, a refletir sobre questões pessoais. Estávamos com a faca e o queijo nas mãos para abrir os caminhos, para que os participantes se sentissem à vontade para dialogar, compartilhar dúvidas, conflitos e inseguranças e, também, suas visões de mundo.

Ao final do percurso formativo, elaboramos um extenso questionário de avaliação final para que os cursistas concluintes contribuíssem com suas opiniões. Recebemos 353 respostas. Destacamos os percentuais de satisfação em relação aos aportes oferecidos pelos seguintes conteúdos da Etapa 2:

Juventudes e identidades – 97% satisfeitos ou muito satisfeitos
Responsabilidade social, valores e ética – 97,5% satisfeitos ou muito satisfeitos
Participação juvenil – 98,3% satisfeitos ou muito satisfeitos
Jovens e o mundo do trabalho – 98,3% satisfeitos ou muito satisfeitos
Planejamento em PV – 97,6% satisfeitos ou muito satisfeitos
Avaliação em PV – 96,9% satisfeitos ou muito satisfeitos

Vale salientar que 97% das pessoas que responderam ao questionário afirmaram que os aprendizados contribuíram com o desenvolvimento de novos conhecimentos em PV, enquanto 87% consideraram que o curso trouxe orientações suficientes sobre como elaborar um plano de aula para o componente Projeto de Vida.

Além dos questionários de avaliação, fizemos grupos focais com docentes de diferentes perfis (de escolas do meio urbano, rural, de territórios indígenas e quilombolas etc.), para aprofundarmos temas como: os maiores desafios da formação, quais os seus diferenciais, o que os conteúdos geraram nas suas práticas profissionais, que janelas se abriram e quais metodologias eles consideram mais fáceis de serem replicadas. Para isso, realizamos três encontros pela plataforma Zoom, nos quais reunimos 15 professores e professoras de todos os polos do Estado. As conversas trouxeram reflexões valiosas que contribuirão no desenho de futuras formações.

“Já comecei a desenhar o novo modelo de plano de curso a partir dos conteúdos trabalhados e do material de referência oferecido na formação, as sugestões de músicas, de filmes, tudo isso foi dando uma nova vertente ao trabalho e me permite dizer que o curso ampliou a minha visão e hoje me encontro muito mais preparado como professor de PV, mas também vou levar isso para minha geografia.”

**Professor Adriano Paraíso,
polo Porto Seguro**

“Sou professor de Filosofia, componente que trabalha a ética em Sócrates, Platão, Kant. Mas faltava espaço para provocar o aluno a se autoconhecer e se auto-avaliar, para pensar eticamente em suas relações sociais. O Projeto de Vida tem isso de especial, é o que encanta a gente e que está tentando fazer um movimento diferente na educação e neste novo Ensino Médio.”

Professor Emerson Farias, polo Salvador

Os depoimentos dos professores Adriano e Emerson não são únicos neste sentido e nos permitem pensar em possíveis impactos da formação em outros componentes, já que todos(as) os(as) cursistas são originariamente professores(as) de outras áreas. Além disso, percebemos a importância de termos criado e organizado um repositório com inúmeros e ricos materiais de referência no AVA.

Como lembra **Gilbene Esquivel**, formadora da SEC e também foi cursista de PV, um dos resultados visíveis e testemunhados por muitas pessoas foi a mudança de visão perante o fazer pedagógico. Ela exemplifica:

“Eu vi mudanças em mim, comecei a ver coisas que não quero mais. Se não fosse por essa formação talvez eu tivesse ficado muito mais perdida nas dimensões que a pandemia nos trouxe. Ela foi um amparo, um abrigo, como sei que foi para muitos professores.”

De fato, a mudança pessoal foi bastante percebida e citada pelos(as) cursistas, ao falarem sobre os resultados dessa formação. As respostas do professor Ricardo e da professora Elina representam as de inúmeros educadores(as):

“Graças ao Projeto de Vida, passei a escutar mais atentamente, a me colocar muito mais vezes no lugar do outro e a pensar mais em relação ao respeito que nós temos que ter para com o meio ambiente, com a família, com as pessoas, da maneira que elas são diferentes de pensar, de ser, de agir.”

**Professor Ricardo Silva,
polo Vitória da Conquista**

“Me ajudou a parar um pouco para tentar entender o que é que aquele aluno pensa, o que é que aquele aluno quer? Quais são seus medos, dificuldades? Era uma coisa que eu não me atentava muito, vou ser bem sincera. Então, isso me ajudou a escutar um pouco os anseios que eles têm, as inseguranças e até mesmo problemas que às vezes eles não têm com quem dialogar.”

**Professora Elina Carneiro Muniz,
polo Feira de Santana**

As reflexões de Gilbene, Ricardo e Elina nos mostram que olhar para dentro de si mesmo é importante para qualquer profissional que desejar trabalhar com PV, se, contar o quanto é necessário que esse processo de mudança individual se reflita na prática de cada professor(a) em sala de aula, e idealmente também repercuta na escola, de maneira transversal. Sabemos que essa transversalização pode ser ainda uma meta distante, mas ouvimos relatos de algumas iniciativas, inspiradas na nossa formação, que sinalizam resultados práticos.

Um exemplo é o do professor **Emerson Farias**, que, com o apoio da diretora Rose Alfaia, do Colégio Estadual Pedro Ribeiro, no qual atua em Salvador, reuniu funcionários(as) e professores(as) para apresentar o conceito de projeto de vida e mostrar que ele não é um componente fechado, pelo contrário: deve se abrir para toda a escola e também para intervenções na comunidade.

“Procurei estimular todo mundo a analisar seus projetos de vida, para que a gente possa religar as partes que precisam funcionar como comunidade escolar e nos conectarmos com os alunos. Esse é o maior desafio: estarmos conectados”.



A experiência do professor Emerson pode ser considerada um primeiro passo para a transposição didática, ou seja, que cada professor(a) possa utilizar de maneira autônoma, com os alunos e alunas, os conhecimentos construídos durante o Módulo de Atualização e que isso impacte no aprendizado de cada estudante. Cristina Santana e Anny Carneiro entendem que a transposição não ocorreu de maneira ampliada por causa da pandemia, pois as escolas da rede estadual tiveram suas aulas suspensas desde março até o final de 2020, o que impediu que a maioria das(os) professoras(es) trabalhasse com os conteúdos de PV na prática. Mas muitos(as) não escondem a expectativa de vê-la acontecer, tão logo as aulas presenciais retornem.

A participação de 30 formadoras(es) da Suped como cursistas e o papel que tiveram na mobilização das(os) professoras(es) também contribuiu para alcançarmos resultados tão positivos, no sentido de aprimorar as estratégias que fomos desenhando. Como eles conhecem de perto o cotidiano de cada professor(a), ajudaram

a pensar em ações que chegassem a melhores resultados de engajamento.

Após o encerramento do Módulo de Atualização em Projeto de Vida, a reivindicação pela continuidade da formação, por módulos de aprofundamento, especialização e até pós-graduação foi enorme. Um aspecto que nos chamou a atenção foi a existência de uma demanda reprimida pela troca de experiências entre professoras e professores de PV, talvez pelo fato de ser um componente novo, com poucas referências e relativamente escassos materiais didáticos apropriados. O fato é que os grupos de WhatsApp criados durante o curso continuam vivos, dinâmicos e sendo utilizados como um espaço de compartilhamento de informações, atividades e experiências a respeito de PV. Recomendamos considerar a necessidade em futuras formações e a vantagem do uso desse tipo de ferramenta, que é acessível e conhecida por praticamente todo o universo docente.



Experiências compartilhadas

Diante da conjuntura anteriormente explicada, com aulas paralisadas, jamais foi solicitado ao corpo docentes que realizassem atividades com seus alunos e alunas a partir dos conteúdos trabalhados no Módulo de Atualização. Esperamos, sim, que isso possa acontecer em futuras formações, em um cenário mais favorável, com a retomada das aulas presenciais.

No entanto, alguns professores e professoras resolveram experimentar, de maneira remota, determinadas ações, que foram compartilhadas conosco. E, para a nossa equipe formadora, estes exemplos espontâneos de transposição

didática constituem resultados não esperados que devem ser valorizados, não em forma de guia ou de caderno de experiências, mas pelo registro do que pode ser feito à distância, com recursos tecnológicos relativamente simples e de fácil acesso.

Por isso, apresentamos, a seguir, algumas das experiências compartilhadas, saudamos aquelas e aqueles que as realizaram e estimulamos a todas e todos a seguirem acreditando em mudanças possíveis, a partir do componente Projeto de Vida.

Pensando no futuro

Professor:

Ricardo Silva Oliveira

Colégio Democrático

Estadual Anísio Teixeira

Potiraguá - BA

Turma:

1º ano do

Ensino Médio regular

Você já ouviu falar de Potiraguá? É nesse pequeno município do centro-sul da Bahia, com menos de 3 mil domicílios e apenas 1.050 jovens entre 15 e 19 anos (IBGE-2010), que atua o professor Ricardo Oliveira. Com a pandemia, ele procurou estratégias para tornar as aulas mais dinâmicas e atrativas e encontrou várias opções entre as atividades descritas no site do Pense Grande.

Para trabalhar o tema do autoconhecimento com os(as) jovens, Ricardo escolheu o *ikigai*, que significa "razão de ser" em japonês. O *ikigai* traz os seguintes questionamentos: O que você faz bem? O que você ama? O que o mundo precisa? O que você pode ser pago para fazer? Os(as) estudantes foram orientados(as) a refletir sobre essas perguntas. O objetivo da experiência foi ajudá-los(as) a desenvolver o autoconhecimento, identificar suas habilidades sociais, fazer escolhas profissionais responsáveis e entender como seus projetos de vida podem contribuir para mudanças amplas na sociedade.

Saúde e valorização da vida – Setembro Amarelo

Professora:

Sandra Marques
Coutinho Santos

Colégio Estadual
Polivalente de
Miguel Calmon

Miguel Calmon - BA

Turma:

1º ano do
Ensino Médio integral

O Setembro Amarelo é uma campanha brasileira de prevenção ao suicídio e serviu como base para os estudantes refletirem sobre a valorização da vida. A atividade pode conduzir a reflexões e a um rico debate sobre causas e consequências dos problemas psicológicos que afligem os jovens, como depressão e ansiedade.

Realizada de forma remota, com compartilhamento de conteúdos por plataformas como WhatsApp e PicCollage e redes sociais como Instagram e Facebook, a prática abordou as dimensões pessoal e social da vida. Entre seus objetivos, além da apreciação do valor da própria existência, estavam o incentivo ao engajamento social a partir da participação em uma campanha; o fortalecimento do vínculo aluno/escola/comunidade; aumento da percepção a respeito de si mesmo e de sua identidade com autoconhecimento; e o trabalho com as memórias afetivas.

Autorretratos

Professora:

Márcia Maristela
Gusmão Araújo Santos

Complexo Integrado de
Educação de Itabuna

Itabuna – BA

Turma:

1º ano do
Ensino Médio integral

O Complexo Integrado de Educação de Itabuna está situado neste município, um dos maiores da região sul do estado da Bahia, com mais de 213 mil habitantes. Foi ali que a professora Márcia Maristela desenvolveu a prática "Autorretrato", por meio de aulas remotas pelo aplicativo Google Meet.

A proposta foi trabalhar o autoconhecimento a partir da produção de autorretratos. A atividade consistia na produção de três desenhos sobre passado, presente e futuro. Com a produção desse conteúdo, o objetivo é permitir que os alunos vislumbrem com esperança seu projeto de vida e aproveitem as percepções ocasionadas a partir dele para reflexão. A apresentação dos resultados levou cerca de duas horas e contou com a participação de outros(as) colegas.

Leitura fílmica do documentário "Nunca me sonharam"

Professora:

Iane Dias Cunha

Colégio Estadual
Góes Calmon

Salvador – BA

Turma:

1º ano do

Ensino Médio profissional

O documentário "Nunca me sonharam", utilizado na formação de professores no componente Projeto de Vida, serviu de mote para uma atividade proposta pela professora Iane. A plataforma usada para a experiência foi o Google Sala de Aula, tendo o aplicativo de troca de mensagens Whatsapp como um apoio para os debates, dada a sua gratuidade nos planos de dados dos(as) estudantes.

A professora postou o vídeo no Google Classroom, acompanhado de um formulário com questões sobre o filme, que iam desde informações sobre a direção, roteiristas e ano de lançamento até questões mais reflexivas sobre a obra. A professora também quis saber dos alunos e das alunas com qual estudante apresentado no documentário eles(as) se identificavam e o que diriam, caso fossem convidados(as) a participar do filme. Os estudantes que não conseguiram, por dificuldade de acesso, responder ao formulário, participaram via WhatsApp.

Saúde mental na pandemia

Professora:

Nanci Santos de Oliveira

Colégio Estadual Gilda
Ramos dos Santos

Jitaúna – BA

Turmas:

1º, 2º e 3º anos do

Ensino Médio

As consequências da pandemia do coronavírus para a saúde mental e emocional da população foram tema da aula da professora Nanci, inspirada em um mural virtual feito pelos(as) docentes, durante a formação em PV. Para realizar a atividade com seus alunos e alunas, ela adotou o aplicativo WhatsApp, por meio da qual compartilhou um documento com orientações sobre o assunto inteligência emocional.

Em seguida, a professora orientou cada estudante a assistirem ao filme "Divertidamente" - uma animação que fala sobre a dinâmica das emoções - e discutiu questões com a turma, para estimular a reflexão. O objetivo da atividade foi promover o autoconhecimento, ajudando o(a) aluno(a) a identificar as suas próprias emoções e os recursos para lidar com elas, desenvolvendo o autocuidado. A socialização das opiniões - e até um debate entre os(as) jovens - aconteceram pelo WhatsApp.

Produção da história pessoal e familiar

Professora:

Ângela Eça de
Oliveira Almeida

Colégio Modelo Luís
Eduardo Magalhães

Jequié – BA

Turma:

1º ano do
Ensino Médio

O reconhecimento e a valorização das histórias dos(as) nossos(as) antepassados, aliados à compreensão do contexto histórico em que viveram, podem contribuir para a construção de projetos de vida. Foi a partir dessa premissa que a professora de História e de Projeto de Vida, Ângela Eça, propôs esta atividade para estudantes do 1º ano.

Ela pediu que eles(as) construíssem a história de uma pessoa de sua família, cruzando com os fatos históricos ocorridos na mesma época em que ela viveu ou vive, nas sociedades local e mundial. Após a análise dessas informações, os aluno(as) avaliaram como eram os projetos de vida dessas pessoas de referência.

Identidade

Professora:

Cláudia Ribeiro de Oliveira

Colégio Estadual do Campo
Eraldo Tinoco

Presidente Jânio
Quadros – BA

Turma: 1º ano do
Ensino Médio

Com o olhar mais apurado em relação à diversidade de formas identitárias encontradas na unidade escolar, a professora Cláudia trabalhou o tema Identidade com os estudantes do 1º ano do Ensino Médio. O tema tomou conta das rodas de conversas e dos debates, por intermédio do WhatsApp e do Google Sala de Aula. O ponto alto das aulas foi a exploração dos conteúdos que envolvem a construção da identidade.

A turma foi desafiada a expressar ideias a emitir opiniões a partir de uma atividade disparadora. Além disso cada um(a) foi convidado(a) a escrever sobre como eles(as) se viam, como se identificavam e “muitos ficaram encantados, pois nunca tiveram esta experiência, não pensaram a respeito disso antes”, conta a professora.

Juventude e trabalho

Professora:

Helieneidy Ribeiro
Carvalho

Colégio Modelo Luís
Eduardo Magalhães

Feira de Santana – BA

Turma: 1º ano do
Ensino Médio

Juventude e trabalho foi o tema escolhido pela professora Helieneidy Ribeiro Carvalho para conversar/mediar/dialogar com os(as) estudantes do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Modelo Luis Eduardo Magalhães, situado no município de Feira de Santana.

A Professora Helieneidy Ribeiro adotou o WhatsApp para se conectar com os alunos e alunas e compartilhar com a turma conteúdos sobre as experiências no mundo do trabalho, diante do momento de pandemia.

Quem sou eu

Professora:

Nelmênia Fontebranca
de Souza Santos

Colégio Estadual
Bartolomeu de Gusmão

Lauro de Freitas – BA

Turmas:

1º, 2º e 3º anos do
Ensino Médio

A professora Nelmênia se inspirou em muitas das atividades realizadas no curso de formação em Projeto de Vida. As aulas com maior repercussão entre as(os) estudantes foram sobre a temática identidade. Ela trabalhou com a educomunicação para motivar os(as) alunos(as) à participação e conseguiu mobilizar a turma ao sugerir que eles se apresentassem criando vídeos a partir do aplicativo Tik Tok. A plataforma adotada foi o Google Classroom e os resultados eram postados pela professora no perfil do Instagram da escola.

Para onde vou?

Professor:

Carivaldo Alves Carvalho

Colégio Estadual
Costa e Silva

Tanhaçu – BA

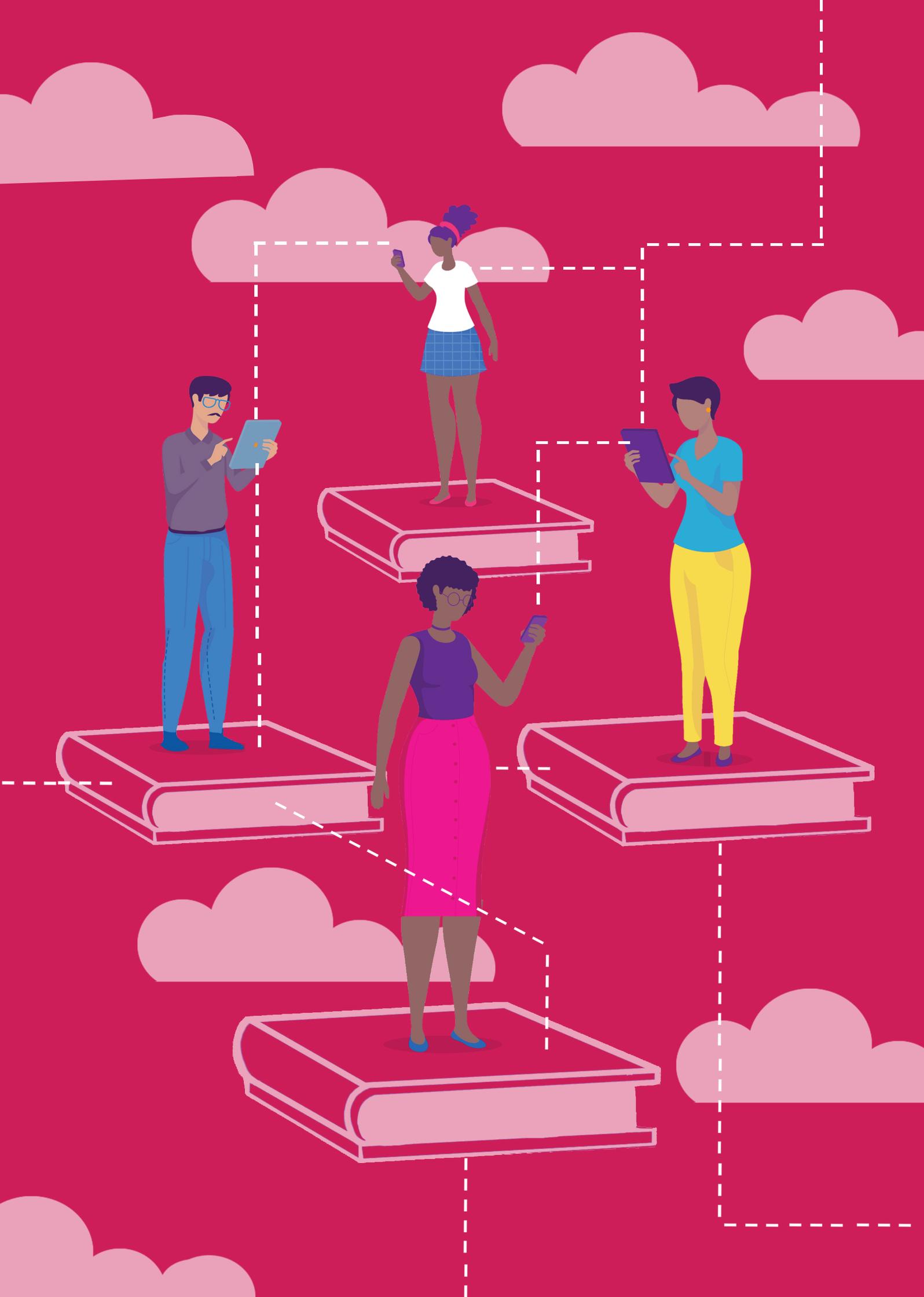
Turmas:

1º ano do
Ensino Médio

Com essa atividade, o professor Carivaldo quis desenvolver em suas alunas e alunos a competência de vislumbrarem as possibilidades que o mundo do trabalho poderá lhes ofertar. Por meio do Google Meet, a atividade foi realizada em dois momentos e pensada para ser realizada no período de uma semana. No primeiro momento, a turma assistiu ao filme motivador “Vencendo Campeões”.

Em um segundo momento, todos(as) reuniram pelo Meet para, a partir da temática levantada pelo filme, discutem sobre “qual seria a profissão dos sonhos?” e “quais passos deveriam tomar para torná-los realidade?”. Durante o trabalho, foram nítidas a participação e a motivação dos(as) estudantes, que se tornaram protagonistas do processo ensino/aprendizagem por intermédio da expressão de seus ideais, valores, sentimentos, emoções e expectativas, seja na forma oral ou escrita.





Diálogo para a continuidade

O compasso que foi dado
pelo módulo vivido.
Não foi só profissional,
foi maior que o debatido.
Foi autoconhecimento,
foi aconchego e fomento
pra uma vida com sentido.

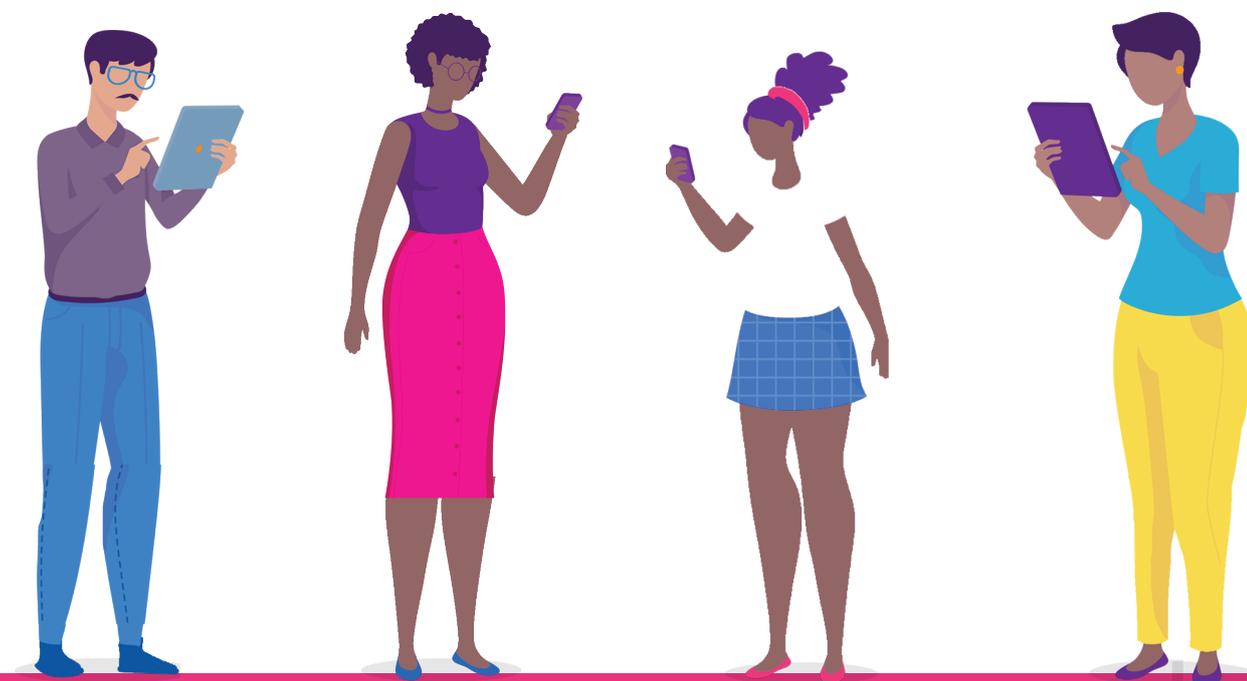
Fez ponte com outros olhares,
com áreas e componentes,
fez guarida pra valores
que estavam meio ausentes.
Fez calçarmos os sapatos,
pensar a empatia no ato
de ouvir nossos discentes.

Trouxe o amadurecer
pensando os novos tempos.
Propôs um novo fazer
reconhecendo o momento
de mudança ou indecisão.
Disse: é do nosso chão
que vem todo crescimento.

No respeito a territórios,
no acolher alteridade,
o momento permitiu
ler a escola, a sociedade.
Ler o professor que somos
e aquilo a que nos dispomos,
ler nossas dificuldades.

Dificuldades existem,
e seria inocente
achar que o módulo pôde
mudar maré e corrente.
Isso é processo, verdade,
mas digo em sinceridade:
ele deixou foi semente.

Semente para uma luta
junto aos jovens estudantes,
que vivem numa sociedade
que não é mais como antes.
Semente pra cada escola
ser ninho e não gaiola,
pois isso é muito importante.



E foi assim que a formação em Projeto de Vida se fez presente no cotidiano de cada um(a) dos(as) professores(as). Levar o curso até elas e eles nos conduziu a lugares distintos e a entrar nas suas vidas, ouvindo e compartilhando as alegrias, conquistas e também as angústias presentes em todas e todos nós num ano com um cenário tão desafiador. Buscamos compreender as várias narrativas apresentadas e suas demandas.

Algumas atividades mobilizaram professoras e professores a revisitarem seus projetos de vida e suas memórias dos tempos de adolescência, para “calçarem os tênis” de seus alunos e alunas, tentarem compreender como eles(as) se sentem ansiosos(as), indecisos(as), pressionados(os) e, ao mesmo tempo, cheios(as) de sonhos e desejos que precisam de orientação para serem alcançados.

Claro. Sabemos que cada trajetória é única e os tempos são outros. As questões vividas por adolescentes e jovens há 20, 30 anos são bem distintas das atuais. Por isso, o sentimento de empatia provocado por essas vivências foi e deve ser sempre complementado por conteúdos e aulas abordando temas relacionados à juventude, os quais despertaram mudanças no olhar sobre os(as) jovens.

Uma maior compreensão sobre as distintas juventudes presentes nas salas de aulas poderá trazer mais segurança para as/os professoras(es) e coragem para dialogar com seus alunos e alunas a partir de outro lugar, no qual professor(a) não é aquele(a) quem traz as informações e as respostas, mas aquele que provoca a reflexão, ouve e dá o suporte para que os caminhos sejam escolhidos pelos próprios(as) alunos(as).

Essa transformação não é fácil, porque envolve a desconstrução do paradigma de um modelo tradicional de ensino-aprendizagem, no qual a

maioria de nós foi educado(a). Nesse sentido, seria muito pretensioso afirmar que um curso à distância, em tão pouco tempo, conseguiu um nível de mudança tão profundo. Seguramente não, mas, com certeza, plantou uma semente para o início do desenvolvimento de novas posturas em sala de aula.

“Projeto de Vida desconstrói a gente. Para trabalhar com ele, é preciso desapegar do que é cômodo.”

Anny Carneiro,
coordenadora de Formação da SUPED

“Com certeza, o que mais gerou inquietação durante todo o curso, sobretudo no que diz respeito à concretização do Projeto de Vida nos espaços educacionais, é o papel do professor, que terá de ser totalmente repensado. Do contrário, os alunos não terão espaços democráticos em que seus anseios sejam, de fato, ouvidos e respeitados e, assim, venham assumir o protagonismo no processo ensino-aprendizagem. Os desafios são enormes, e caberá a todos os envolvidos no processo uma mudança de mentalidade, gerando atitudes que ultrapassem os limites impostos pela educação tradicional, dando lugar a uma educação inovadora, eficiente e que garanta a tão sonhada qualidade que sempre almejamos.”

Professor Marcelo Cruz Sena,
polo Porto Seguro

Leitura crítica da sociedade

Olhar para a diversidade das juventudes implica também entender as profundas desigualdades por elas vivenciadas, sobretudo quando estamos falando de alunas e alunos da rede pública. Isso não é nenhuma novidade para ao(as) professores(as), que convivem diariamente com jovens que, muitas vezes, dependem da escola para complementar a sua alimentação e que são tensionados(as) pelas famílias a trabalhar desde muito cedo, comprometendo o seu desempenho acadêmico.

O que muda com o componente Projeto de Vida é o desafio da tarefa que se coloca: como orientar jovens que têm tão poucas perspectivas no seu presente a refletirem e planejarem o seu futuro? Que oportunidades e condições básicas elas(eles) terão para conquistarem seus objetivos? Não parece cruel estimular sonhos impossíveis de serem realizados? Essas perguntas estiveram presentes ao longo do percurso da formação e não refletem uma insegurança dos(as) docentes para lidar com o tema, mas uma leitura crítica da realidade necessária para se evitar uma visão ingênua do que está sendo proposto.

“O professor também vive a angústia dos alunos, quando estes trazem realidades que estão fora da alçada dele resolver.”

**Professora Priscila Soares,
polo Feira de Santana**

“O que fazer com alunos da zona rural, desmotivados e sem muita perspectiva com relação ao seu futuro e nem oportunidades relacionadas ao mercado de trabalho?”

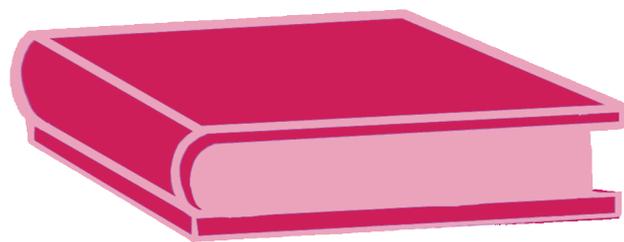
**Professora Katiane Damaceno,
polo Barreiras**

Nossa “resposta”, refletida no diálogo que apresentamos com o tema de projeto de vida durante o curso, não foi e nem deve ser negar esse contexto desigual que grita diariamente nos corredores da escola, mas de afirmar o papel fundamental que as(os) professoras(es) e a educação têm no sentido de quebrar séculos de um círculo vicioso no qual boa parte da população é colocada à margem de condições dignas de vida. Acreditamos que quanto maior a situação de vulnerabilidade das meninas e meninos, maior a necessidade de uma escuta acolhedora, do incentivo e de palavras que as(os) levem a fortalecer a sua capacidade de resiliência e a visualizar perspectivas mais positivas.

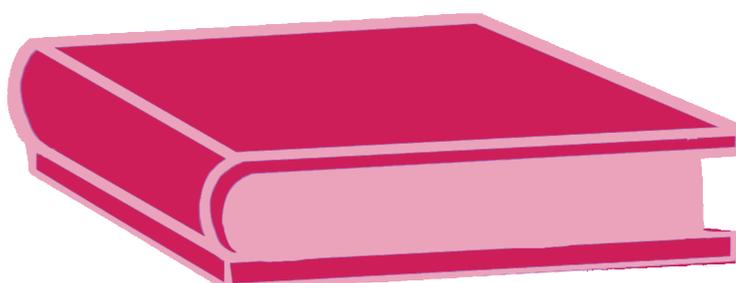
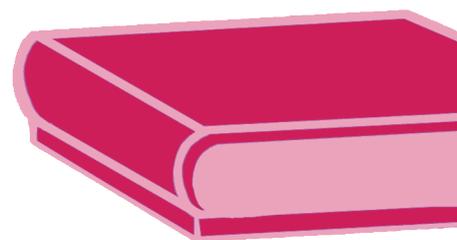
Isso não significa que estamos investindo todas as fichas na capacidade de o(a) aluno(a) achar as respostas individualmente, como bem lembrou o professor Bruno Felipe, polo de Feira de Santana. É preciso problematizar a estrutura socioeconômica que caracteriza a realidade brasileira, para que não prevaleça a visão meritocrática de que basta o(a) aluno(a) criar um projeto de vida e se esforçar para realizá-lo, que conseguirá superar as barreiras sociais. Nossas aulas trouxeram essa dimensão, mas será necessário aprofundar a discussão de projetos de sociedade e de país em outras edições, de forma que os(as) docentes se conectem também com uma perspectiva mais política da sua atuação.

É importante registrar que a própria BNCC, embora não faça uma leitura mais política sobre a realidade do(a) jovem, não propõe que os(as) estudantes “se virem” sozinhos(as). Quer dizer, ao afirmar que a tarefa consiste na construção e na viabilização dos projetos de vida, a BNCC afirma que o papel da escola, para além de ser o lugar da reflexão e da elaboração de planejamentos, também deve ser a bússola para que cada estudante possa localizar as portas que o(a) levará à concretização dos seus planos.

Como bem identificam e explicitam as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio de 2011 (DCNEM/2011): com a perspectiva de um imenso contingente de adolescentes, jovens e adultos que se diferenciam por condições de existência e perspectivas de futuro desiguais, é que o Ensino Médio deve trabalhar. Está em jogo a recriação da escola que, embora não possa, por si só, resolver as desigualdades sociais, tem a capacidade de ampliar as condições de inclusão social, ao permitir o acesso à ciência, à tecnologia, à cultura e ao trabalho (Parecer CNE/CEB nº 5/201152; ênfases adicionadas).



BNCC



Professor não é psicólogo

Se não podemos atribuir a cada aluno(a), individualmente, a responsabilidade de lidar sozinho(a) com seu projeto de vida, também não podemos exigir dos(as) professores(as) a obrigação de resolver todas as questões dos inúmeros estudantes que integram as suas turmas. Não esqueçamos de que os(as) docentes fazem parte da mesma realidade desigual e, muitas vezes, enfrentam desafios semelhantes aos dos(as) alunos(as).

Sendo sua sobrevivência, por si só, já um grande desafio, os(as) professores(as) também trouxeram na formação um receio de que, ao assumirem a responsabilidade com o componente Projeto de Vida, estariam exercendo, de certa forma, o papel de psicólogos(as) em sala de aula. Isso porque, por meio das interações entre os(as) docentes de Projeto de Vida e os(as) estudantes, podem emergir relatos de questões delicadas, como gravidez na adolescência, violência doméstica, abuso de drogas, quadros de depressão, etc. Todos esses temas já são bem presentes no cotidiano da escola, mas é possível que cada estudante tenha, no espaço das aulas de Projeto de Vida, um ambiente seguro para vir à tona, tendo em vista o vínculo construído entre o(a) professor(as) e o(a) aluno(a).

“Por vezes, o professor se sente impotente. São muitos os alunos com problemas emocionais. Como ajudar?”

Professora Daniele Alves, polo Salvador

“Muitas vezes, as problemáticas inerentes à juventude são de ordem psíquica e/ou emocional.

Como responder a estes anseios se nós, professores, não somos os profissionais adequados para conduzir tais situações? Precisaríamos de um apoio maior na escola, para além do aspecto pedagógico.”

Professor Raony Fernandes, polo Salvador

“Eles [alunos] gritam para serem percebidos pela família, pela escola e pela própria comunidade. Geralmente, as dores dos adolescentes não são vistas, tampouco tratadas. Construir uma relação de confiança com o aluno é também a reafirmação, valorização da sua identidade. Este curso é uma excelente oportunidade para debatermos mais sobre isso.”

Professora Kátia Martins Campos, polo Juazeiro

Dialogamos com esse tema na formação, mas o entendemos como uma questão mais complexa, que precisará ser enfrentada pela rede ao longo do processo de implantação do componente dentro do contexto do Novo Ensino Médio. Coube ao curso, ainda que de maneira breve, explicitar os limites do trabalho com Projeto de Vida como proposta pedagógica. O fato de lidar diretamente com aspectos emocionais dos(as) jovens não significa que haverá um processo terapêutico, e essa fronteira precisa estar bem clara para os(as) professores(as).

Uma tarefa coletiva

Independentemente da preocupação com essa demarcação, como dissemos anteriormente, é preciso reconhecer que o processo de construção do projeto de vida pode ser, sim, muito mobilizador. Possivelmente, o(a) professor(a) de Projeto de Vida poderá ser o(a) primeiro(a) a fazer a escuta e ela deve ser acolhedora e atenta, mas, uma vez identificada a demanda, é preciso encaminhá-la, tarefa que deve ser da escola e não do(a) professor(a), de forma solitária.

Além da família, que deve ter uma relação próxima, a depender do tema, a escola pode contar com a rede de proteção de crianças e adolescentes, pois além da educação, integra órgãos da assistência social, saúde e poder judiciário. É importante que a escola se perceba como parte desse sistema, que já possui protocolos específicos para diversas situações e deve atuar de forma articulada para prestar o melhor atendimento possível. Sabemos que, em diversos municípios, essa estrutura, quando existe, funciona ainda de forma muito precária, mas é importante conhecer o que está previsto no desenho da política pública e cobrar que ela saia do papel.

A Lei federal nº 13.935, por exemplo, possibilita a presença de psicólogos e assistentes sociais nos quadros das escolas públicas. Tal medida garante uma estrutura interna que pode ajudar bastante no suporte para a comunidade escolar e, especialmente, para o trabalho com projeto de vida. A lei, infelizmente, não obriga a contratação desses profissionais e tudo depende da iniciativa política de cada estado. Para as próximas turmas de formação, reconhecemos que é importante avançar mais nessa temática, tornando as instâncias, funções e protocolos da rede de proteção da criança e do adolescente mais conhecidos pelos(as) docentes.

O Novo Ensino Médio, como lembra a especialista em educação Anna Penido, traz a oportunidade de desenvolver um modelo educativo que tenha o jovem como protagonista e que a escola se reorganize para trabalhar com os diversos perfis das juventudes brasileiras, marcadas por desigualdades, violências e falta de oportunidades. O componente de Projeto de Vida pode ser visto com uma das chaves para esta mudança do NEM na prática, no fazer pedagógico.

Contudo, sabemos que mudanças nos parâmetros curriculares nacionais por si só não vão resolver todos os desafios que a educação pública no Brasil apresenta. Nem a escola, ao implementar o Novo Ensino Médio, dará conta de toda a problemática social enfrentada pelo nosso país.

As desigualdades começam pela infraestrutura da rede escolar pública, que geram discrepâncias em relação ao aproveitamento nos estudos de jovens do meio rural, das periferias e dos centros urbanos. Questões que a pandemia tornou ainda mais evidentes, com a impossibilidade de milhares de alunos(as) acompanharem aulas remotas por falta de internet. Não podemos esquecer das diferenças geradas ainda pelas questões de raça, gênero, diversidade sexual, deficiências, entre outras.

Sabemos que a tarefa é gigante, mas isso não significa que nada possa ser feito. Mesmo que a formação dos(as) nossos(as) professoras(es) não vá resolver tudo, com certeza, ela é uma ação bem importante e fundamental. Iniciamos a jornada e vamos precisar de todo mundo. Essa missão não é apenas dos professores(as), é também dos alunos(as), das famílias, dos gestores(as) públicos, de todos nós.

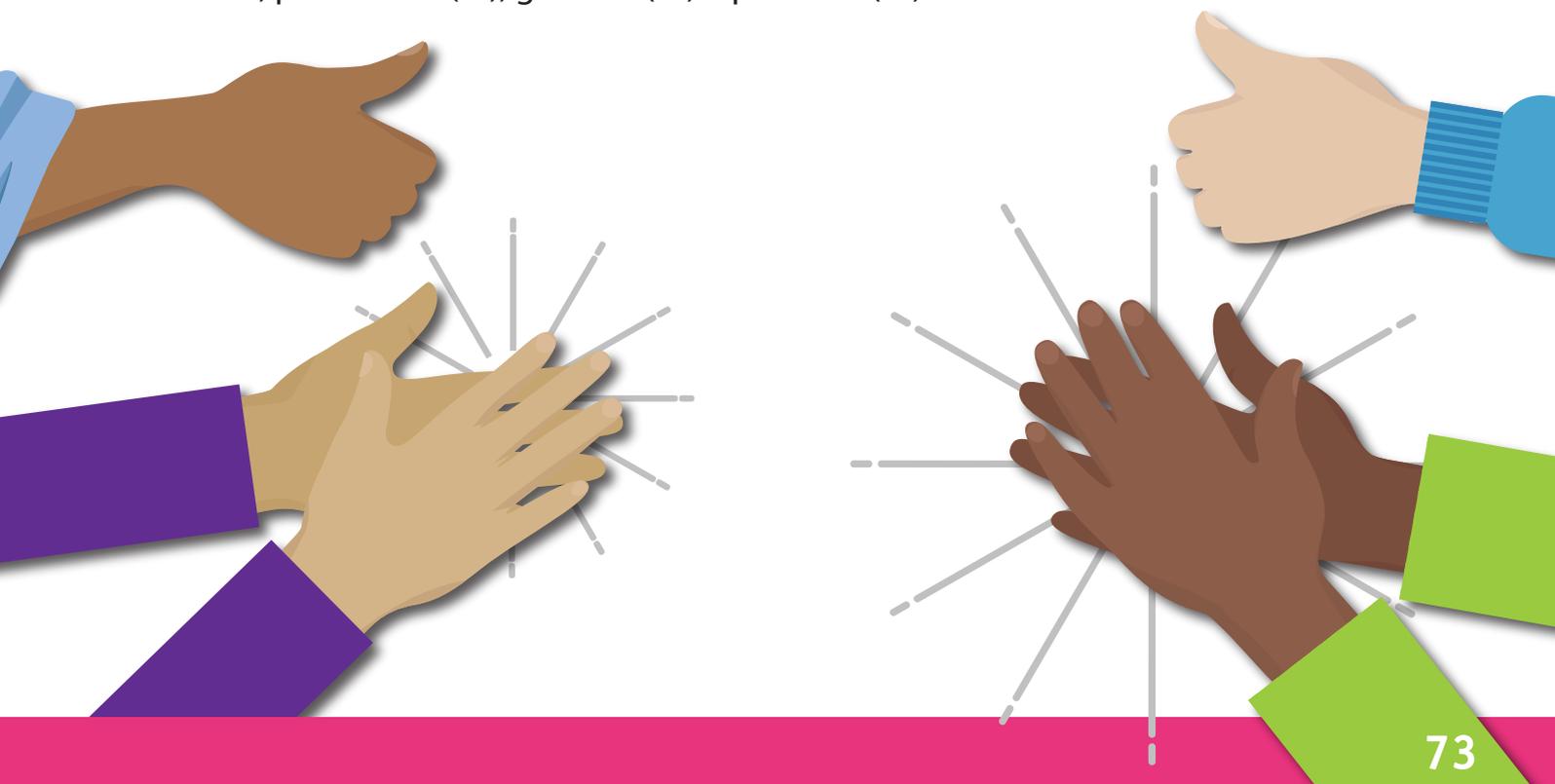
Diálogo para a continuidade

“Neste curso, tivemos a oportunidade de aprender mais sobre essa ‘nova’ maneira de ensinar/aprender. Foi desafiador e gratificante todas as etapas, e pretendo continuar essa formação. Não será tarefa fácil por em prática todos os conhecimentos e dicas sobre trabalhar o Projeto de Vida. Mas, quem disse que estamos sozinhos nessa? Temos nossos alunos para nos ajudar, afinal, são eles que irão apontar os caminhos que desejam percorrer. Sucesso para todos!!!”

Professor Vinicius Araújo Alves, polo Paulo Afonso

Assim como os(as) professores(as), nossa equipe e parceiros também seguirão com os mesmos desafios: continuar aprendendo, se revendo, se ressignificando e se motivando a cada dia, diante de cada obstáculo, para superar a cada um e fortalecer a educação pública de qualidade. Durante toda essa rica jornada, também enfrentamos perdas, o inusitado, o inquietante, sentimos angústias e incertezas, mas não soltamos as mãos e concluímos esse percurso formativo com ainda mais vontade de inovar, cocriar, experimentar e fazer junto, com a potência do caminhar coletivamente, superando barreiras, construindo soluções e estabelecendo pontes para novos caminhos. Cada uma e cada um de nós também revisitou seus projetos de vida, entendendo a preciosidade dessa oportunidade e fortalecendo a certeza de que todos(as) os(as) estudantes, sem exceção, dependem desse nosso melhor, renovado a cada dia.

Com muitas alegrias, aprendizados e afetos, já sonhamos com a próxima jornada formativa com vocês, professores(as), gestores(as) e parceiros(as)!



BAHIA (Estado). Secretaria da Educação do Estado da Bahia. **Implementação: Novo Ensino Médio da Bahia**. Bahia: Secretaria da Educação do Estado da Bahia, 2020.

Disponível em: <https://bit.ly/3yps5FM>

Acesso em: 23 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**.

Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>

Acesso em: 23 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Pro BNCC: material de apoio**

Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/pro-bncc/material-de-apoio>

Acesso em: 23 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CN/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Brasília, DF: Ministério da Educação, 2019.

Disponível em: <https://bit.ly/3xhMDzx>

Acesso em: 23 jun. 2021.

ENSINO Médio na BNCC: contexto e objetivos (curso 1-aula 1). [S. l.], 2020. 1 vídeo (16:55).

Publicado pelo canal Nova Escola.

Disponível em: <https://youtu.be/kMqBSxXaEU4>

Acesso em: 23 jun. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MOREIRA, Carlos Eduardo. Emancipação. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

[NOVO EM] Projeto de Vida: introdução. [S. l.]. 1 vídeo (1:45:10). Publicado pelo canal Frente de Currículo e Novo Ensino Médio do Consed.

Disponível em: <https://youtu.be/NYFFc4HcPBM>

Acesso em: 23 jun. 2021.

[NOVO Ensino Médio] BNCC Comentada: Projeto de Vida. [S. l.], 2019. 1 vídeo (1:49:13). Publicado pelo canal Base Nacional Comum Curricular - BNCC.

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wU_OtSAhbYE

Acesso em: 23 jun. 2021.

NUNES, Dimalice. Projetos de Vida: como aproveitar a BNCC e apoiar os alunos. Nova Escola, 15 fev. 2021.

Disponível em: <https://iungo.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Reportagem-Nova-Escola.pdf>
Acesso em: 23 jun. 2021.

PRIMEIRO passo: o conceito de Projetos de Vida (Parte 2). [S. l.], 2020. 1 vídeo (6:30). Publicado pelo canal Instituto iungo.

Disponível em: https://youtu.be/HmkeKFbcP_U
Acesso em: 23 jun. 2021.

REIS, Gabriela Alves de Souza Vasconcelos dos; OSTETTO, Luciana Esmeralda. Compartilhar, estudar, ampliar olhares: narrativas docentes sobre formação continuada. Educ. Pesqui., n. 44, 2018

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/4KPrBhHg3dxGkN9hc5QFTJn/?lang=pt>
Acesso em: 23 jun. 2021.